

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS - UFAM  
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO AGRICULTURA E AMBIENTE - IEAA  
CAMPOS VALE DO RIO MADEIRA – CVRM  
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**ACESSO E PERMANÊNCIA DE ESTUDANTES NEGRAS NO  
IEAA**

**HUMAITÁ  
2019**

**JUSCILÉIA FLORÊNCIO DOS SANTOS**

**ACESSO E PERMANÊNCIA DE ESTUDANTES NEGRAS NO IEAA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Pedagogia do Instituto de Educação Agricultura e Ambiente da Universidade Federal do Amazonas como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Dra. Maria Isabel Alonso Alves

**HUMAITÁ**  
**2019**

# **JUSCILÉIA FLORÊNCIO DOS SANTOS**

## **ACESSO E PERMANÊNCIA DE ESTUDANTES NEGRAS NO IEAA**

Monografia submetida à Comissão Examinadora designada pelo Curso de Graduação em Pedagogia em 25/11/2019 como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia.

Aprovado em \_\_\_\_/\_\_\_\_ de 2019.

### **BANCA EXAMINADORA**

---

Presidente: Dra. Maria Isabel Alonso Alves  
Instituição: UFAM – Instituto de Educação, Agricultura e Ambiente

---

Membro: Dra. Ana Cláudia Fernandes Nogueira  
Instituição: UFAM – Instituto de Educação, Agricultura e Ambiente

---

Membro: Dra. Simone Alencar  
Instituição: UFAM – Instituto de Educação, Agricultura e Ambiente

## Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

S237a Santos, Jusciléia Florêncio dos  
Acesso e permanência de estudantes negras no IEAA / Jusciléia  
Florêncio dos Santos. 2019  
56 f.: il. color; 31 cm.

Orientadora: Maria Isabel Alonso Alves  
TCC de Graduação (Pedagogia - Humaitá) - Universidade  
Federal do Amazonas.

1. Mulher/Estudante Negra. 2. Ensino Superior. 3. Acesso. 4.  
Permanência. I. Alves, Maria Isabel Alonso II. Universidade Federal  
do Amazonas III. Título

Dedico este Trabalho de Conclusão de Curso a todas as mulheres, em especial as mulheres negras, que conseguiram ou não, alcançar seus objetivos de formação pessoal e profissional considerando todas as lutas e dificuldades que enfrentamos em nosso cotidiano desde a colonização do Brasil até os dias atuais.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus que tem me abençoado grandemente em todos os momentos da minha vida, me protegendo, guiando meus caminhos, abrindo portas, me capacitando, me dando forças para resistir as dificuldades e obstáculos cotidianos. Obrigado senhor Deus em nome do teu filho Jesus Cristo por nunca ter me abandonado e por estar comigo sempre mesmo quando eu não mereço, e se hoje estou aqui é por que o senhor permitiu me cobrindo com o teu sangue sagrado e me carregando em teus braços, protegendo sempre meus filhos, minha família, e meus amigos. Obrigado por tudo senhor Deus em nome do teu filho Jesus Cristo. Amém!

Agradeço imensamente a meus filhos Matheus Nayron Florêncio Pereira e Horjana Katriny Florêncio Pereira pelo apoio que me deram sempre, pela confiança a mim depositada como mãe, pela paciência que tiveram perante a minha ausência para que eu pudesse, além de trabalhar, exercer meu papel de estudante universitária, agradeço a Deus por vocês serem bons filhos, amorosos, compreensivos, pacientes, agradeço também por vocês serem saudáveis, inteligentes, humildes, guerreiros, batalhadores e, principalmente, por serem fortes diante dos obstáculos. Obrigada por vocês existirem em minha vida e por Deus ter me permitindo ser a mãe de vocês nesse plano terrestre, pois através de vocês aprendi o sentido da vida, do amor, da paciência, da humildade, do carinho e da compaixão. Que Deus proteja sempre vocês meus filhos e derrame bençãos sobre suas vidas em nome de Jesus. Amém. Mamãe ama muito vocês do tamanho do universo.

Agradeço ao apoio, amor, carinho, força, e palavras de ânimo e de motivação da minha mãe Maria de Lourdes dos Santos, que mesmo distante se fez sempre presente em minha vida, e com seu exemplo de superação, coragem, garra e força, me ensinou o caminho da vida que devemos ter humildade para seguir em frente, e sabedoria para enfrentar os obstáculos e recomeçar quantas vezes forem necessário de cabeça erguida. Obrigada mãe por ser essa mulher forte, guerreira e lutadora que apesar de tudo que passou é uma mulher de bem com a vida, bem resolvida e feliz. Obrigada mãe por você existir na minha vida e por eu ser sua filha, e que Deus abençoe grandemente a senhora. Te amo muito minha mãe.

Agradeço a minha vovó, pela oportunidade que Deus me deu de ser sua neta, agradeço por todo amor, carinho, ternura, e proteção que a senhora me deu sempre, e que apesar da distância a senhora sempre esteve presente em minha vida, com as lembranças de seu olhar de ternura, com a sua voz doce, com seus abraços aconchegantes e de muito carinho, com o seu

cheiro e sorriso de vó, com as suas atitudes de uma pessoa de coração bom, sábio, humilde e generoso que me ensinou muito a ser quem eu sou hoje. Agradeço a Deus por ser sua neta. Que Deus possa abençoar grandemente a senhora e lhe dar muitos e muitos anos de vida minha vozinha linda e querida. Te amo muito meu amor D. Líbia Otília dos Santos.

Gostaria muito agradecer aqui e citar o nome de cada um dos meu irmãos e irmãs, sobrinhos e sobrinhas, tios e tias, ex cunhados e cunhadas, padrinhos, e sogra, que Deus a tenha, mas como não posso, quero agradecer imensamente a todos os meus familiares pelo amor, carinho, palavras de ânimo e de motivação que me deram, e por toda força que me passaram, obrigada por cada um de vocês existirem em vida. Que Deus posso proteger e abençoar cada um de vocês sempre. Obrigada a todos, amo cada um de vocês.

Agradeço pelo apoio e pela confiança depositada em mim, de forma que me sinto honrada pela oportunidade de ter tido a senhora como minha Orientadora de TCC e PIBIC Professora Doutora Maria Isabel Alonso Alves, um ser humano incrível que mesmo carregando um diploma de doutorado consegue ser uma pessoa especial, a qual terei sempre uma imensa gratidão, por ter contribuído de maneira imensurável no meu crescimento como estudante, mulher, mãe, e profissional. Admiro e agradeço por sua humildade, paciência competência e dedicação. A qual teve uma brilhante ideia de solicitar que eu escrevesse um capítulo incluindo minhas memórias, para justificar o porquê da minha motivação para esta pesquisa. “Obrigada Professora por ter feito parte da minha formação e por ter feito “Diferença” na minha vida”, por ter me mostrado que podemos enxergar o mundo, as pessoas, e as coisas de várias maneiras, por ter me cobrado, me dado carões, mas, tudo isso para me transformar em uma pessoa melhor, me incentivando sempre, me fazendo acreditar na minha capacidade, e por me fazer acreditar que posso ir além. Obrigada por tudo do fundo meu coração.

Agradeço ao Elias Cunha Pereira meu ex marido e pai dos meus filhos, pois de maneira responsável, cumprindo seus deveres de pai, contribuiu muito para que eu conseguisse permanecer na universidade.

Cabe ressaltar mais uma vez que gostaria muito de agradecer a cada um que se fez presente e contribuiu de alguma maneira em minha caminhada, seja me auxiliando em minhas necessidades, ou com palavras de carinho, força e motivação para que eu continuasse em frente, e que de alguma maneira não poderei citar todos, mas meu muito obrigada do fundo do meu coração a cada um, Profa. Fabiana Soares Fernandes, Lorena Martins Figueiredo, Daivane Azevedo de Almeida, Maria Conceição Maciel da Silva, Demilda Moura da Silva,

Camila Menezes, Neidiane Jovarani, Vanessa Oliveira, Palmeron Nóia. Que Deus abençoe imensamente a cada um e/uma que contribuíram na minha jornada.

Agradeço com muito carinho, respeito e admiração as minhas entrevistadas que se dispuseram espontaneamente a participar da minha pesquisa narrando suas histórias de vida particulares, desde as suas infâncias até o acesso e permanência na Universidade no Campos do IEAA/AM. Muito obrigada pois sem a participação de vocês esse trabalho não poderia ter sido concluindo. Que Deus derrame muitas bençãos sobre a vida cada uma de vocês, que possam concluir suas graduações e obterem muito sucesso.

Jamais posso deixar de agradecer grandemente a um cada um dos nossos Professores Doutores e Mestres da casa, assim como os nossos professores substitutos, pelos quais tenho muito carinho, respeito, e admiração não somente por terem contribuído na minha formação, mas, por cada recado deixado com suas personalidades, por suas competências, dedicações, também pela paciência, palavras de carinho e motivação. Pois de alguma maneira vou levar comigo um pedacinho de cada um, e cada um a sua maneira me ensinaram ou mostraram o caminho que devemos seguir na profissão de professor, mesmo diante de um trabalho árduo e desvalorizado que é ser professor em um país como o nosso. Que Deus possa abençoar, iluminar e dar sabedoria a cada um de vocês para que continue formando sujeitos críticos que possam fazer a diferença nessa atual sociedade.

Agradeço de coração as professoras doutoras que aceitaram fazer parte da minha banca, Profa. Ana Cláudia e Rozane, por terem dedicado seus tempos a fazerem a leitura e avaliação do meu trabalho. Que Deus abençoe cada uma de vocês. Muito Obrigada!

Enfim, agradeço a Diretora do IEAA, Profa. Ana Cláudia Fernandes Nogueira, a Coordenação acadêmica e toda equipe da Universidade Federal do Amazonas, Unidade de Humaitá, que fazem um trabalho em equipe comprometido com o acesso, permanência, formação e bem estar de todos os discentes que por aqui passam, inclusive das mulheres/estudantes negras e a todos os professores e professoras, em especial aqueles e aquelas com que tive oportunidade de aprender a docência. Agradeço ainda por que somente através da oportunidade de estudar em uma universidade pública em tive condições de acessar, permanecer e concluir um Curso de Graduação Superior em Pedagogia.



*“Escolher escrever é rejeitar o silêncio. ‘Olhar masculino’ como determinante das escolhas da minha vida, não me interessa”*  
*(CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE, 2015)*

## ÍNDICE DE FIGURAS

<b>Figura 1:</b> Mostra de alunos e alunas negras e negros autodeclarados e não declarados no IEAA de 2006 a 2018.....	29
<b>Figura 2:</b> Alunas mulheres autodeclaradas negras por Curso de 2006 a 2018.....	31
<b>Figura 3:</b> Quantidade de homens e mulheres autodeclarados que permanecem matriculados no IEAA por curso a partir de 2013.....	33

## RESUMO

O Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, intitulado **Acesso e permanência de estudantes negras no IEAA** encontra-se vinculado ao curso de Pedagogia no Instituto de Educação, Agricultura e Ambiente – IEAA/UFAM. Trata-se de um desdobramento da Pesquisa de Iniciação Científica desenvolvida entre 2018 e 2019, cujo objetivo foi investigar a forma como se narram as mulheres/estudantes negras da Universidade Federal do Amazonas – UFAM/IEAA sobre suas identidades e diferenças, levando em consideração as questões de gênero, entretanto, o desdobramento em questão tem o objetivo de investigar o acesso e permanência das estudantes negras no IEAA. Os aspectos metodológicos estão amparados na pesquisa qualitativa em educação (LUDQUE e ANDRÉ, 2013), com vistas na entrevista narrativa (SILVEIRA, 2007). Destacamos Woodward (2013), Queiroz (2004) Dantas (2012) e Silva (2013), entre outros autores e autoras que deram apoio para as discussões teóricas. Os resultados apontam que, apesar de existirem políticas públicas afirmativas, as estudantes negras do IEAA resistem em fazer uso desse direito ao acesso ao nível superior, por ser, este canal de acesso à universidade, visto socialmente de forma preconceituosa. Ao optarem pela concorrência ampla de vagas no IEAA, estas estudantes mostram certa resistência e empoderamento da mulher negra, permitindo que estas se coloquem em um patamar de igualdade no acesso ao curso superior público, narrado pelas mesmas, como motivo de orgulho.

**Palavras-chave:** Mulher/Estudante Negra. Ensino Superior. Acesso. Permanência.

## **ABSTRACT**

The Course Conclusion Paper - TCC, entitled Access and permanence of black students at IEAA is linked to the Pedagogy course at the Institute of Education, Agriculture and Environment - IEAA / UFAM. This is an offshoot of the Scientific Initiation Research conducted between 2018 and 2019, whose objective was to investigate the way black women / students from the Federal University of Amazonas - UFAM / IEAA are narrated about their identities and differences, taking into account However, gender issues, however, aim to investigate the access and permanence of black students in the IEAAA. The methodological aspects are supported by qualitative research in education (LUDQUE and ANDRÉ, 2013), with a view to the narrative interview (SILVEIRA, 2007). We highlight Woodward (2013), Queiroz (2004) Dantas (2012) and Silva (2013), among other authors who supported the theoretical discussions. The results show that, despite affirmative public policies, black students from the IEAA resist using this right to higher education, as this is a channel of access to the university, viewed socially in a prejudiced manner. By opting for broad competition in IEAA vacancies, these students show some resistance and empowerment of black women, allowing them to place themselves on a level playing field in their access to public higher education, narrated by them, as a source of pride.

**Keywords:** Black Woman / Student. University education. Access. Permanence.

## SUMÁRIO

<b>SEÇÃO I - PESQUISA E APROXIMAÇÕES PESSOAIS COM O TEMA: UMA INTRODUÇÃO .....</b>	<b>14</b>
<b>SEÇÃO II - A MULHER NEGRA EM MEIO A HISTÓRIA DA COLONIZAÇÃO BRASILEIRA .....</b>	<b>23</b>
<b>SEÇÃO III - OS CAMINHOS PERCORRIDOS NA PESQUISA .....</b>	<b>28</b>
<b>SEÇÃO IV - A PRESENÇA ACESSO E PERMANÊNCIA DA MULHER NEGRA NO IEAA: O QUE MOSTRAM AS ENTREVISTAS .....</b>	<b>31</b>
4.1 ALUNOS E ALUNAS NEGRAS E NEGROS AUTODECLARADOS NO IEAA .....	31
4.2 ACESSO E PERMANÊNCIA DAS ESTUDANTES NEGRAS NO IEAA.....	46
<b>ALGUMAS CONSIDERAÇÕES.....</b>	<b>53</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>56</b>

## **SEÇÃO I**

### **PESQUISA E APROXIMAÇÕES PESSOAIS COM O TEMA: UMA INTRODUÇÃO**

Este Trabalho de Conclusão de Curso parte da pesquisa realizada no âmbito do Programa de Iniciação Científica – PIBIC entre 2018 e 2019, na qual buscou-se perceber como se dava o processo de produção da identidade/diferença da mulher/estudante negra no interior das práticas acadêmicas produzidas no âmbito do Instituto de Educação Agricultura E Ambiente (IEAA) tendo como base de análise fonte de dados documentais (IBGE e coordenação acadêmica), além de questionários de auto identificação e entrevistas.

A pesquisa ora proposta possibilita perceber como se dá o acesso e permanência das estudantes negras do IEAA, bem como investigar que perspectivas estas possuem frente ao processo de formação acadêmica. Para atender aos objetivos postos levantou-se os seguintes questionamentos: Quem são as mulheres negras que estão na universidade? Que narrativas estas mulheres/estudantes do IEAA trazem a respeito de suas trajetórias de vida? Como se deu o acesso e permanência ao longo do percurso acadêmico dessas mulheres?

Para responder as questões levantadas, o campo teórico assumido nesta proposta de investigação tem como base autores que discutem questões de identidade/diferença e gênero, potencialmente sistematizados e articulados com autores que discutem a presença do negro na universidade. São autores que ajudam a pensar a forma como os sujeitos se produzem ou são produzidos em meio às relações socioculturais em que estão inseridos, no caso desta pesquisa, as mulheres/estudantes negras no contexto da universidade. Para discutir identidade/diferença buscamos apoio em Hall (1998, 2013, 2016), Woodward (2013), Silva (2013). Sobre gênero trazemos Louro (1997, 2007), Diniz (2014), Meyer (2007), Olesen (2006) e Felipe (2012) e sobre a presença do negro na universidade, nos apoiamos em Dantas (2012), Queiroz (2004) e Fernandes (2017) e outros que versam sobre o tema.

A pesquisa qualitativa é metodologia adotada nesta investigação, tendo como base os apontamentos de Lüdke e André (2013), para quem, nos últimos anos, vem surgindo novas formas de se fazer pesquisa no campo da educação. Para tanto, serão utilizadas entrevistas e análise de documentos (fichas, listas de presença, dados da UFAM sobre percentual sociodemográfico, PPC dos cursos e/ou outros).

Poucos são os estudos que visam investigar sobre a presença, o acesso e permanência de mulheres negras no âmbito do Instituto de Educação, Agricultura e Ambiente

(IEAA/UFAM), motivo que inspirou este TCC, entretanto a motivação vem particularmente da minha história de vida como mulher/estudante/negra do IEAA. Tal motivação instigou-me mostrar como se deu a construção da minha história de vida, desde a minha infância à vida adulta, inclusive me fez refletir sobre a forma como ocorreu meu acesso ao Ensino Superior.

Como mulher e estudante negra não poderia deixar de mostrar como é ser uma mulher estudante negra no IEAA, já que também me enquadro no perfil de minhas entrevistadas. Encarar os desafios da vida dentro e fora da universidade não tem sido uma rotina fácil. Buscar novos olhares e indagações pertinentes à formação superior tem sido algo constante desde minha entrada no IEAA. Debater mais sobre as questões de identidade/diferença e de gênero dentro e fora da universidade tem me angustiado, pois cada vez mais tenho dado conta de que esta temática faz parte do meu cotidiano, das entrevistadas e de outras mulheres negras universitárias.

Assim, ao pensar este Trabalho de Conclusão de Curso – TCC no âmbito do Curso de Pedagogia do IEAA, busco na memória minha relação com a temática racial e de gênero, na qual perpassa minha história de vida. Minhas memórias, no presente, dão conta daquilo que o passado está cheio (BHABHA, 2013), nas quais mergulho e trago à tona minha própria história de vida. Assim, articulo aqui, as angústias de uma estudante do Curso de Pedagogia do IEAA, mulher negra, que vivenciou processos formativos (escolares e não escolares) que me colocaram de forma estereotipada, numa posição de subalternidade racial e de gênero às memórias narradas pelas estudantes/mulheres/negras que gentilmente compartilharam sua história de vida neste trabalho.

Minhas memórias dão conta de que tenho quarenta anos de idade. Sou de família grande e de poucos recursos financeiros. Nascida em Marechal Deodoro/Alagoas, nordeste do país. Éramos 15 irmãos, porém, vivos, somos em 10, sendo 5 mulheres e 5 homens. Sou a única desta família, até o momento, que acessou o ensino superior, dos demais irmãos, apenas dois, um homem e uma mulher, terminaram o Ensino Médio, sendo a maioria deles analfabetos. Talvez todos nós pelo percurso natural do nosso contexto e estrutura familiar, não teríamos muitas chances ou outros destinos a seguir, supostamente, já estávamos predestinados ou condicionados a vivermos subordinados à elite dominante (branca e alto poder aquisitivo) mediante a construção histórica sociocultural brasileira.

Ao mesmo tempo em que fui educada para ser subordinada, descobri o quanto sou subversiva, rompi com os desígnios ditatoriais a mim impostos, descobri que podia mais, que podia também estudar, ter acesso ao ensino superior, mesmo sendo mulher, negra e pobre. Por

isso me orgulho de ter persistido e lutando de maneira incessante atrás de um sonho que era sair da “caverna” na qual fui empurrada e na qual permaneci até meus trinta e quatro anos (idade com que ingressei na universidade pela primeira vez). No espaço universitário fui me dando conta de que eu podia mais, muito mais do que ser subordinada às questões sociais, raciais, de classe e de gênero. Passei a ter contato com leituras e pessoas que me fizeram perceber o quanto a sociedade era pensada a partir de ideias ocidentalizadas, que segregam e colocam a sociedade de forma binária (homem/mulher; branco/negro; pobre/rico, etc).

Cabe ressaltar que estudar e trabalhar não foi uma tarefa fácil, pois estudar requer tempo e condições favoráveis, inclusive alimentares e emocionais, no meu caso, sempre conciliei trabalho e estudo. Muitas vezes faltou apoio familiar para que eu estudasse, porém, mesmo transgredindo vontades alheias (do pai quando jovem e do marido depois) permaneci na universidade, porém, houve várias tentativas para que eu abandonasse os estudos. Busco apoio em Fernandes (2017, p. 99) para afirmar que:

Devido às situações financeiras precárias, a mudança resulta na necessidade em assumir a dupla função de trabalhar e estudar. Essas condições tornam a trajetória escolar muito mais árdua e difícil. Conciliar essas mudanças na vida social com a continuidade da trajetória escolar impõe-se como desafio a ser superado.

Ser uma mulher negra de baixa condições socioeconômico, vinda de uma educação básica precária, e na maioria das vezes de uma família desestruturada, deixam marcas difíceis de serem apagadas. Precisei sair de casa muito cedo para trabalhar, passei por humilhações e explorações decorrentes dessas necessidades, trabalhava sem folga, recebia um valor insignificante referente aos meus trabalhos, ouvia piadinhas do tipo “a negrinha escrava, que veio lá da baixa da sapa”, (apelido dado ao meu lugar de origem), e outras situações que minhas memórias não permitem que eu as exponhas pela dor e constrangimento causado, me marcaram e me produziram a mulher que hoje sou. Foram momentos difíceis, mesmo assim consegui passar por todos eles trabalhando e persistindo em estudar.

Entretanto são situações que infelizmente estão ligadas a formação da nossa sociedade através da cultura colonial eurocêntrica aprendida, onde os negros não possuíam espaços, menos ainda a mulher negra. Sofreram barbáries e sofrem até os dias atuais, insultos, ofensas, agressões e outros constrangimentos decorrente da sua condição racial. A história conta que os negros eram tratados como se fossem seres irracionais, comiam apenas o resto que conseguiam catar, tinham sua mão de obra explorada, a mulher negra, além disso, era explorada sexualmente, a mulher negra tem perpassado por inúmeros desafios impostos pela



construção social. Assim “O papel da mulher negra é negado na formação da cultura nacional; a desigualdade entre homens e mulheres é ironizada; e a violência sexual contra as mulheres negras foi convertida em um romance (YABE, 2018, p, 173).

Tendo meu pai falecido há doze anos, era vendedor autônomo e trabalhava com diversos tipos de atividades, como dono de bar, vendedor de peixes, frutas, verduras e cama/mesa/banho na feira e ruas da cidade, dependendo da situação e época de safra. Sendo um homem alcoólatra e agressivo do qual não conheci momentos de carinho ou afeto, apenas nos educou para que não fôssemos ladrões, e sim trabalhadores. Desde criança trabalhei e estudei. Era necessário uma briga constante para que meu pai me permitisse frequentar a escola, pois era preferível que trabalhássemos para ajudar no sustento da casa, ao invés de estudarmos, pois segundo ele, estudar não daria futuro e que íamos para escola apenas para aprender e fazer o que não prestava.

Diariamente nos agredia com palavras de baixo calão, nos ofendia moralmente, torturava com acusações sem fundamentos, além de agressões e castigos físicos perversos e desnecessários, e sem justificativas lógicas para tais ações e comportamentos. Na época não possuía entendimento que relacionasse sua condição psíquico mental e sua dependência alcoólica com suas ações, os quais me causaram danos os quais pude superá-los, assim como também aconteceu com a entrevistada aqui chamada de EN3 (Entrevistada Negra 3) em toda a sua infância até os dias atuais no seu ambiente familiar, em que uma pessoa próxima, em qualquer oportunidade lhe maltrata com palavras de cunho pejorativo do tipo “negrinha” e “macaca” entre outras ofensas que lhe causaram muitos danos. Ao realizar as entrevistas, os relatos das estudantes negras trouxeram à tona parte das lembranças que eu buscava esquecer. Assim como o relato da EN3, também ouvi inúmeras vezes palavras que me feriram, mas que, de certa forma, hoje entendo que impulsionaram a busca pelo enfrentamento das situações de inferioridade nas quais fui exposta. Sobre o enfrentamento das situações constrangedoras e estressantes Papalia e Feldeman (2006, p. 428) afirmam que:

Eventos estressantes fazem parte da infância e crianças aprendem a enfrentá-los. Mas o estresse que se torna opressivo pode acarretar problemas psicológicos. [...], frustração diária [...], abuso de substâncias alcóolicas pelos pais [...], abuso infantil [...]. Esses graves estressores podem ter efeitos de longo prazo no bem-estar físico e psicológico. Mas algumas crianças apresentam notável resiliência para sobreviver a essas provações.

Eventos como os narrados acima me levam a consultórios psicológicos a fim de amenizar os traumas causados pelas consequências de uma família desestruturada e uma sociedade com visões estereotipadas sobre os negros. Eu não compreendia o que de fato era

vivenciar agressões, explorações, e discriminações, pois tudo isso já faziam parte da minha rotina desde a infância, como poderia me defender dos meus agressores?

Devido a construção social da mulher, e, principalmente por ser uma mulher dependente financeiramente do marido, meu pai, nascido do interior do nordeste também era machista. Talvez por também ser produzido em uma sociedade onde, culturalmente, os homens dominavam suas esposas, enchiam-lhe de filhos, de afazeres domésticos e ainda as maltratavam. Cresci vendo e sofrendo com o machismo patriarcal que impera desde início da história da colonização no país.

Cabe ressaltar que o machismo patriarcal se afirma e se reproduz de modo geral, assim como nos ditados populares de que “quem casa quer casa” ou ainda “ruim com ele pior sem ele”, minha mãe, assim como tantas outras mulheres, viveu um casamento que a obrigou a suportar situações de inferioridade, das quais não conseguiu desvincular-se. A situação vivenciada por minha mãe remete a ideia de que “a educação feminina, durante longo tempo, tanto na escola quanto na família, foi normatizada e controlada pelos homens. As tarefas e afazeres foram determinados conforme gênero” (CARDOSO, LEITE, 2018, p. 228). Por esta razão que envolve toda problemática relacionada a mulher que a construiu como cuidadora do lar e dos filhos submetida ao regime masculino, e que muitas não conseguem evoluir nem buscar um devido empoderamento que as libertam da antiga e dominante construção cultural. Assim, entende-se que, para os homens cabia “[...] o espaço público, a política, a gerência dos negócios; para as mulheres, o cuidado com a casa e os/as filhos/as, a economia doméstica. Ainda hoje, as diferenças de gênero têm sido explícitas na educação, na família e em outros espaços [...]” (CARDOSO, LEITE, 2018, p. 228).

Buscando traçar uma história diferente da que viveu minha mãe, encontrei, aos quatorze anos, uma família com quem trabalhei em Maceió capital de Alagoas, estes decidiram vir para o norte do Brasil a fim de trabalhar com atividades comerciais, os quais me convidaram para acompanhá-los como doméstica e babá de suas filhas. Sendo menor de idade fui autorizada a acompanhá-los pelos meus pais. Passando algum tempo os mesmos decidiram retornar a nossa terra natal, tentaram me levar de volta, mas não aceitei e fiquei em Porto Velho/RO, pois acreditava que esta era a oportunidade de fugir daquela história, daquele destino que parecia me pertencer.

Estando sozinha em Porto velho/Rondônia e com poucos conhecidos, busquei encontrar outra casa que me aceitasse para trabalhar durante o dia e estudar a noite, e assim foram por mais ou menos cinco anos até que encontrei o pai dos meus filhos, com o qual fui casada por dezessete anos, e, por mais uma vez, vi a história da minha mãe, das entrevistadas

e de muitas outras mulheres se reproduzirem novamente em minha vida, em um cotidiano que com o passar dos tempos tornou-se tão insuportável de maneira que com a minha entrada na universidade a separação foi algo inevitável.

Ficando em uma situação desconfortável não me restou outra escolha, a não ser mais uma vez fugir da “caverna” para correr atrás daquilo que sempre almejei e acreditava ser possível alcançar, mesmo entre tantas dificuldades (emocionais, de aprendizagem, financeiras e outras) para me manter na universidade. “Nessa perspectiva, a violência de gênero é passada de geração para geração, configurando modelos patriarcais de família, onde o homem detém o poder sobre a mulher, dominando-a e oprimindo-a” (CARNEIRO, FRAGA, 2012, p. 372), necessitando que parta da mulher o desejo de liberdade.

Ao acessar a universidade busquei lutar por um objetivo e sonho, assim como a maioria das entrevistadas nesta pesquisa de TCC. Devido as situações vivenciadas na universidade e perceber o quanto é difícil se libertar de uma posições de dependência e subordinação das estudantes negras, assim como eu, passei a entender o quanto é preciso força de vontade para subverter o poder masculino que nos intimidam e tentam nos impedir de lutar para construir nossas próprias histórias, isso independe de classe social ou raça, embora as mais atingidas sejam as mulheres, de modo geral, inclusive as negras. Busco apoio em Carneiro, Fraga (2012, p. 370) para afirmar que:

A violência doméstica contra a mulher ainda faz parte de uma realidade que assombra o público feminino, violando os seus direitos em diferentes cantos do planeta, nas mais variadas idades, etnias e estratos sociais. No Brasil, a Lei n. 11.340/2006, também conhecida como Lei Maria da Penha, emerge como uma possibilidade jurídica para resguardar os direitos da mulher, a qual apregoa que a violência doméstica e familiar contra a mulher constitui uma das formas de violação dos direitos humanos.

A maioria das mulheres que sofrem algum de tipo de violência, infelizmente sofrem no meio familiar, onde é mais difícil tanto para ser descoberto, como da mulher ter coragem ou independência para tomar alguma atitude. Por esta razão alguns levam anos para reagir e outras que não reagem para evitar escândalos na família, assim como no meu caso e no de EN3, as ofensas eram constantes e o quesito cor de pele pesava mais que qualquer outra coisa. Além disso nós duas encontramos obstáculos para estudar, no meu caso desde a infância até o fim do meu casamento, pois era convencida que não precisava trabalhar e nem estudar, apenas cuidar de casa e dos filhos.

Ao vir morar em Humaitá, tentei o vestibular da Universidade Estadual do Amazonas (UEA), para Gestão Pública e só muito tempo depois descobri que havia sido aprovada e

convocada na segunda chamada, porém, perdi o prazo e não me matriculei no curso. Depois de um tempo, após fazer o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), novamente, tentei pelo Sistema de Seleção Unificada (SISU), a vaga do Curso de Ciências Biologia e Química na UFAM de Humaitá/AM, o qual passei e fiz por cinco períodos. Não me identifiquei com o curso, pois tive muita dificuldade de aprendizagem na área da Química, que possuía em sua grade curricular várias disciplinas que exige conhecimentos Matemáticos, dos quais não possuía facilidade em compreender, porém, conversando com colegas e professores da Universidade a respeito da minha dificuldade com a Química, sugeriram-me que tentasse outro curso, o que de início me deu muito medo, pois o novo sempre assusta, e naquelas condições que eu vivia sem contar com apoio para estudar, só me restava tentar para não desistir do meu sonho, procurei uma professora da Universidade que havia ministrado a disciplina de Psicologia para a nossa turma, expliquei minhas dificuldades e pedi aconselhamento sobre minha situação, a mesma sugeriu que eu tentasse outro curso. Fazer Pedagogia foi a melhor escolha que fiz, me identifiquei e me encantei com o Curso.

Cabe ressaltar que tentei a vaga do Curso de Licenciatura em Pedagogia por ampla concorrência assim como as entrevistadas, passei em terceiro lugar das seis vagas ofertadas. Hoje me identifico e me sinto realizada como futura profissional da educação com formação em Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal do Amazonas, que através dos conhecimentos teóricos em sala, Projetos nas Escolas Públicas, como Programa Atividade Curricular de Extensão (PACE), e Programa Residência Pedagógica (PRP), também os Estágios Supervisionados e Projetos de Pesquisas como Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica (PIBIC), que contribuíram de maneira imensurável na minha formação pessoal e profissional, vejo que estou no caminho certo.

Orgulho-me por ser uma mulher negra, fora da faixa etária ideal de acesso ao ensino superior, de baixa condições socioeconômicas, separada e mãe de dois filhos, mas que, mesmo com todas as dificuldades conclui as disciplinas do curso em tempo hábil e dentro dos períodos letivos, assim como participei de diversas atividades complementares oferecidas pela universidade, necessárias ao cumprimento da carga horária obrigatória e crédito complementares, mas que foram fundamentais nesse processo formativo.

Trazer minhas lembranças e relacioná-las com a temática pesquisada possibilitou mostrar como foi significativo a aproximação com as narrativas das entrevistadas, tendo em vista que essas aproximações me provocaram movimentar para o deslocamento de minhas compreensões sobre a forma como fui produzida como mulher/estudante negra em um universo social machista e estereotipado, assim como a maioria das estudantes negras do

IEAA com quem tive contato durante o PIBIC, em especial, as mulheres/estudantes negras que gentilmente aceitaram participar deste estudo.

Apresento a seguir a estrutura do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) que está organizado em quatro seções. A seção I *Pesquisa e aproximação pessoais com a temática é introdutória*. Nela busquei apresentar fatos que se passaram em minha vida (família, escola, relações) que de algum modo me marcaram e impulsionaram a ser a mulher que hoje sou. Também apresentei a pesquisa e os objetivos desta, os autores que deram suporte teórico e os aspectos metodológicos na produção e análise os dados.

A seção II *A mulher negra em meio a história da colonização brasileira* busca mostrar um pouco da história e construção da população negra e em especial da mulher, visando contribuir com a reflexão sobre a presença de mulheres negras no Campus Humaitá. A seção aborda o processo colonizatório brasileiro no qual os negros foram submetidos a situações de preconceitos, inclusive nas Universidades. Para tanto versei com autores que discutem sobre as questões levantadas na construção histórica do negro na sociedade brasileira.

A seção III *Os caminhos percorridos na pesquisa* mostra as características do estudo, no qual apresenta-se como adequada a abordagem qualitativa considerando que esse tipo de pesquisa busca formular hipóteses, abstrações e visa descoberta de novos conceitos, relações e entendimentos da realidade. Nesta seção também apresenta-se o emprego de entrevista narrativa, tendo como principal recurso, os relatos orais das mulheres/estudantes negras que aceitaram participar da pesquisa e a análise documental, técnica que considera fontes de ordem bibliográfica ou consultas de documentos locais disponibilizado pelo IEAA ou mesmo pelas participantes da pesquisa.

A seção IV *A presença, o acesso e a permanência da mulher negra no IEAA* mostram os dados levantados por meio das entrevistas. O tópico mostra as análises e resultados dos dados produzidos no decorrer da pesquisa, a respeito do acesso e permanência dos estudantes negros e negras que se autodeclararam no ato da matrícula no IEAA, bem como informações que dão conta das relações de gênero que perpassam as práticas formativas no âmbito do IEAA e dos aspectos identitário produzidos no interior das práticas culturais percebidas na formação superior. Também visa tratar das análises das entrevistas realizadas junto às estudantes negras autodeclaradas. Levando em consideração os dados e as leituras realizadas em função da pesquisa, foi possível verificar que número de negros e negras com acesso e permanência ao ensino superior é uma parcela quase insignificante. Quando se trata da mulher negra a situação é ainda mais delicada. Os dados analisados a respeito da quantidade de

acesso de estudantes negros e negras matriculados no IEAA entre 2006 a 2018 foram sistematizados em gráficos e/ou quadros que mostram os quantitativos de estudantes autodeclarados negros e negras, foram disponibilizados pela coordenação acadêmica do IEAA.

## SEÇÃO II

### A MULHER NEGRA EM MEIO A HISTÓRIA DA COLONIZAÇÃO BRASILEIRA

Essa pesquisa visou contribuir com a reflexão sobre a presença de mulheres negras na Universidade Federal do Amazonas, Campus de Humaitá, considerando as identidades/diferença étnicos raciais e de gênero postas nas relações em que estão inseridas no âmbito do IEAA, principalmente por esta temática ainda ser pouco discutida no âmbito acadêmico desta instituição de ensino superior, pois em um levantamento inicial a respeito de pesquisas realizadas sobre o tema em Humaitá, não foram localizados qualquer trabalho desenvolvido no IEAA no acervo da biblioteca do instituto.

Vale ressaltar que durante o processo colonizatório das Américas com o acesso da mão de obra negra trazida da África, como escravos os negros foram massacrados, vendidos como escravos, subalternizados, inferiores aos colonizadores europeus. Situações de racismo se estendem até os dias atuais, onde a população afrodescendente sofre todo tipo de barbárie (racismo, assassinatos, discriminação e outros em função da cor da pele), sendo tudo isso ‘explicado’ pela herança cultural colonizatória que a escravizou e a tirou da condição paritária social.

Embora por trás do processo de escravidão que aconteceu no Brasil tenha uma problemática ainda maior trazida da Europa, que determinou-se como sendo a cultura superior dominante, disseminando a ideia por todo o resto do mundo e por onde colonizou que segundo Quijano (2005), que os sujeitos seriam definidos por dois tipos de raça, a branca que seriam os superiores dominantes, e os de outras cores que seriam os inferiores dominados, independentemente de qualquer outra condições esta seria a mais importante imposta e determinada como a mais significativa, e segundo eles visível para definir entre os dominantes e dominados, ou seja a cor do sujeito foi imposta como a ideia de raça inferior de tal maneira que se impregnou nas sociedades, fazendo da história da população negra uma batalha diária para se livrar do estigma e do estereótipo a eles impostos.

A história oficial conta que no Brasil não há mais escravidão desde 13 de maio de 1888, ou seja, há mais de cem anos a escravidão foi ‘extinta’ do país, embora o Brasil tenha sido o último país do continente Americano a abolir a escravidão e o onde mais se perdurou o trabalho escravo, sendo assim, 131 anos não é nada em se tratando de história. Por isso os

negros ainda sofrem com a herança da colonização a eles posta. É comum presenciar cenas cotidianas, inclusive nas universidades, de pessoas negras sofrendo todo tipo de discriminação simplesmente pela cor da sua pele. Nem mesmo a legislação vigente consegue fazer valer os direitos da população negra frente ao colonialismo existente.

A maneira pela qual a mulher negra é vista pela sociedade está impregnada pela herança cultural discriminatória, tornando suas jornadas em busca de formação acadêmica e profissional embaraçosa diante de ações e atitudes de racista nos diversos âmbitos sociais, inclusive nas Universidades. É comum ouvir relatos de mulheres negras a respeito da situação de discriminação ao tentarem adentrar o mercado de trabalho e/ou outros meios sociais, uma vez que os discursos são, em grande maioria, desfavoráveis em função do gênero, da raça/etnia e da aparência.

Isso leva a refletir como se dá a aprovação, acesso e permanência das mulheres negras em cursos de nível superior, sendo esta uma questão que desperta interesse de pesquisa, considerado que vivemos em um país culturalmente racista e machista, porém marcado e construído historicamente com participação da população negra feminina.

Em 2011 os dados do IBGE mostram uma estimativa de 9% de mulheres negras entre 18 e 24 anos inseridas em cursos universitários, sendo que, entre as brancas de mesma idade, esse número sobe para 25,6%. Com base nos dados mostrados, podemos inferir que há um número pequeno de negras inseridas no ensino superior brasileiro. Tais dados foram atualizados em 2017, onde o IBGE aponta uma estimativa de 51,5% de brancos que possuíam o ensino médio completo ingressaram no ensino superior, entretanto, no mesmo período, a proporção de negros e negras universitárias era de 33,4%.

A estimativa do IBGE, publicada em 2017, aponta para um considerável aumento da população negra no ensino superior, porém, há de se considerar que mesmo com o aumento de vagas garantidas pela lei de cotas, a quantidade de negros e negras no ensino superior ainda é menor em relação aos brancos.

Com a aprovação das cotas, mesmo como uma medida ainda limitada, se considerarmos toda a dívida que o Estado brasileiro tem com a população negra, o número de negros e negras nas universidades aumentou nos últimos anos, mas ainda é insignificante, levando em consideração que existe uma parcela de 55% de pessoas autodeclaradas negras e pardas no Brasil (IBGE, 2011).

Embora seja fundamental o acesso da população negra às Universidades, muitos fatores podem influenciar para o abandono do curso. Além da jornada dupla, trabalhar e



estudar, o que é realidade para as jovens negras, que em maioria vem das classes menos abastadas, há ainda, o ambiente da universidade muitas vezes se torna opressor a essas estudantes, pois suas culturas de modo geral não são aceitas e estereotipadas por sua cor, acabam sofrendo assédio moral nas universidades, como mostram, no tópico dos resultados, os relatos das colaboradoras desta pesquisa.

A identidade e diferença entrelaçada às questões de gênero de mulheres/estudantes/negras é um tema pouco explorado em pesquisas acadêmicas no âmbito do IEAA, e diante disso, esse trabalho buscou investigar junto às estudantes negras do IEAA/UFAM, quem são e como se narram estas mulheres frente o processo formativo universitário. A identidade e diferença é aqui entendida como análoga aos líquidos, instável, fluída, passível a transformações, produzidas e ressignificadas no interior das práticas culturais (BAUMAN, 2005). Identidade/ diferença são conceitos que possibilitam a constituição do sujeito a partir das suas relações sociais e culturais de modo que estão aptos a resinificarem-se constantemente seus gostos, modos de vida, tradições, enfim, sua identidade em contraste com o outro, com o diferente (WOODWARD, 2013). A identidade/diferença aqui entendida se refere à características de afirmação e/ou negação do sujeito, ou seja,

Aquilo que é e aquilo que não é. [...] A identidade é simplesmente aquilo que se é: ‘sou brasileiro’, ‘sou negro’, ‘sou heterossexual’, ‘sou jovem’, ‘sou homem’. A identidade assim concebida parece ser uma positividade, (“aquilo que sou”), uma característica independente, um fato [...]. Na mesma linha de raciocínio, também a diferença é concebida como uma identidade independente. Apenas, neste caso, em oposição à identidade, a diferença é aquilo que o outro é: ‘ela é italiana’, ‘ela é branca’, ‘é homossexual’, ‘ela é velha’, ‘ela é mulher’. Da mesma forma que a identidade, a diferença é, nesta perspectiva, concebida como autorreferenciada, como algo que remete a si própria. A diferença, tal como a identidade, simplesmente existe (SILVA, 2013, p. 74).

Esta forma de ver do autor leva à compreensão de que identidade e diferença são conceitos indissociáveis. Woodward (2013) também afirma que a identidade do sujeito é marcada pelos símbolos que este sujeito se apropria cotidianamente, nesta visão, é possível inferir que a constuição da identidade dos sujeitos depende do reconhecimento da diferença entre o sujeito e o “outro”, e esse outro “é o outro gênero, o outro é a cor, o outro é a raça, o outro é a outra nacionalidade, o outro é o corpo diferente” (SILVA, 2013, p. 97).

O conceito de gênero aqui discutido tem como base os apontamentos de Dinis (2008) para quem as primeiras discussões sobre as relações de gênero no âmbito da academia, ocorreram por volta dos anos de 1970, período em que os movimentos sociais, em especial os

grupos feministas, passaram a denunciar a exclusão de suas representações de mundo nos espaços escolares e nos programas das instituições de ensino. Ações dessa natureza possibilitaram a abordagem de temas sobre gênero e sexualidade por parte das academias, o que possibilitou pesquisas acerca do tema desde então.

Dinis (2008) afirma que, no cenário brasileiro, as discussões sobre gênero ficaram restritas às áreas de Sociologia, Psicologia e Crítica Literária, isso até os anos de 1970, período em que os estudos de Gênero se expandiram no meio acadêmico. A partir de então, estudos de gênero passaram a fazer parte dos interesses de pesquisadores e pesquisadoras no âmbito da academia (DINIS, 2008). Para o autor, é preciso que se reconheça “como terminações culturais as características socialmente atribuídas ao masculino e feminino, posicionando-se contra discriminações a elas associadas” (DINIS, 2008, p. 480).

Também levando em consideração o conceito de gênero, Louro (1997, p. 23) esclarece que a importância do mesmo se dá porque tal conceito “obriga aquelas/es que o empregam a levar em consideração as distintas sociedades e os distintos momentos históricos de que estão tratando”. E explica:

O conceito passa a exigir que se pense de modo plural, acentuando que os projetos e as representações sobre mulheres e homens são diversos. Observa-se que as concepções de gênero diferem não apenas entre as sociedades ou os momentos históricos, mas no interior de uma dada sociedade, ao se considerar os diversos grupos (étnicos, religiosos, raciais, de classe) que a constituem (LOURO, 1997, p. 23).

Na mesma perspectiva, Felipe (2012), mostra que o conceito de gênero “foi amplamente veiculado a partir da década de 80 do século XX, na tentativa de se opor a uma ideia de essência que, em geral, pautava a explicação de comportamentos distintos entre homens e mulheres” (FELIPE, 2012, p. 218).

Tal conceito busca “ênfatizar e problematizar a construção história, social e cultural dos comportamentos de homens e mulheres, fugindo assim, das explicações que remetem a uma ‘essência’, que justificaria os comportamentos masculinos e femininos, muitas vezes tidos como diametralmente opostos” (FELIPE, 2012, p. 221).

Com a realização dessa pesquisa foi possível ampliar os conhecimentos teóricos a respeito desta temática, pois é de suma importância que a população acadêmica tome conhecimento de pesquisas que abordam questões de identidade, diferença e gênero, principalmente as voltadas para mulheres/estudantes negras na Universidade Federal do

Amazonas, Campus Humaitá. Dessa forma, considera-se esse tema relevante em nossa sociedade acadêmica.

Este estudo buscou mostrar as possíveis articulações entre a as relações de gênero e a produção das identidades e diferenças de mulheres/estudantes negras inseridas no ensino superior em Humaitá-AM, localizando, a partir dos relato das colaboradoras, atitudes de discriminação e preconceito racial e de gênero nos ambientes acadêmicos. Assim, mostrar as narrativas das mulheres/estudantes negras que estão inseridas na Universidade Federal do Amazonas – UFAM/IEAA, ouvir suas versões sobre a história da colonização brasileira entrelaçada a suas histórias de vida, muitas vezes não consideradas pela visão ocidental dos fatos, torna-se relevante. Neste sentido, este estudo em sua conclusão, possibilitou dar visibilidade às mulheres/estudantes negras que, por muitas vezes, são invisibilizadas pela colonialidade, sobretudo em suas identidades e diferenças, inclusive nos espaços acadêmicos.

### SEÇÃO III

## OS CAMINHOS PERCORRIDOS NA PESQUISA

Para realização desta pesquisa, considerando as características do estudo, julgamos adequada a abordagem qualitativa numa perspectiva metodológica apontada por Ludke e André (2013), levando em consideração que esse tipo de pesquisa busca formular hipóteses, abstrações e visa descoberta de novos conceitos, relações e entendimentos da realidade. Pressupõe, também, uma *descrição cultural* na medida em que envolve técnicas utilizadas para produzir dados sobre valores, hábitos, crenças e comportamento de um grupo social.

Ludke e André (2013) caracterizam a pesquisa qualitativa, como sendo um estudo que valoriza o processo e não o produto; os eventos, as pessoas, as situações são observadas em sua manifestação natural; o período de tempo depende da disponibilidade do pesquisador ou pesquisadora, da aceitação do grupo e da experiência em trabalho de campo; faz-se uso de o levantamento de dados descritivos: situações, pessoas, ambientes, depoimentos, diálogos que poderão ser apresentados posteriormente por meio de reconstituições ou transcrições literais. A pesquisa ora proposta também tem o emprego de entrevista narrativa, tendo como principal recurso, os relatos orais das mulheres/estudantes negras que aceitaram participar da pesquisa.

Outra técnica a ser utilizada foi a análise documental, que considera fontes de ordem bibliográfica ou consultas de documentos locais disponibilizado pelo IEAA ou mesmo pelas participantes da pesquisa. Os principais documentos que foram analisados são os seguintes: Projeto Pedagógico dos Cursos do IEAA, dados com perfil sociodemográfico dos alunos matriculados no IEAA, histórico de criação do IEAA e/ou da UFAM, histórico de programas assistenciais ou políticas afirmativas do IEAA.

Assim, o projeto em questão, foi desenvolvido a partir de três etapas: a) estudos preparatórios e bibliográficos sobre o tema; b) levantamento e sistematização dos dados da pesquisa; c) elaboração de análises e relatório da pesquisa.

A primeira etapa foi desenvolvida entre agosto e novembro de 2018, período em que ocorreram levantamentos junto à coordenação acadêmica quanto à quantidade de alunos matriculados nos cursos de graduação do IEAA e levantamento de autoidentificação dos estudantes do IEAA, sendo este o primeiro passo para a aplicação do questionário de autoidentificação das alunas que posteriormente foram convidadas para as entrevistas. Nesta etapa foi protocolada à direção do IEAA, a solicitação de autorização para a pesquisa junto à

coordenação pedagógica, bem como junto as estudantes do Campus. Nesta fase foram aplicados os questionários de autoidentificação com objetivo de identificar que sujeitos serão participantes da pesquisa. Paralelamente a estas atividades, foram realizadas leituras e estudos da literatura disponível sobre o assunto no sentido de compor o quadro teórico da pesquisa.

Após os levantamentos iniciais e identificação das colaboradoras que participaram da pesquisa, as quais foram convidadas a partir dos critérios de seleção, estarem regularmente matriculadas em um dos cursos do IEAA, se autodeclararem negras perante a instituição de ensino mencionada, e se auto aceitarem em relação a sua identidade étnico racial, dessa maneira ocorreu então, a segunda etapa do estudo. O contato com os participantes somente aconteceu no primeiro semestre de 2019. Trata-se da sistematização das informações solicitadas junto à coordenação pedagógica e dos questionários de autoidentificação aplicados nas turmas, além da sistematização e análise dos dados documentais disponibilizados. Também nesta etapa foram realizadas as entrevistas com as mulheres/estudantes negras do IEAA que manifestarem interesse em participar da pesquisa mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. O quadro abaixo apresenta o perfil das mulheres/estudantes negras que aceitaram participar da pesquisa.

**Quadro 1:** Perfil das estudantes negras entrevistadas

<b>Entrevistadas</b>	<b>Idade</b>	<b>Estado Civil</b>	<b>Atividade Profissional</b>	<b>Curso</b>	<b>Período</b>
EN:1	20 anos	Solteira	Estudante	Biologia e Química	4°
EN:2	24 anos	Solteira	Estudante	Letras/Português/Inglês	6°
EN:3	23 anos	Solteira	Estudante e Voluntária	Pedagogia	8°
EN:4	25 anos	Solteira	Estudante	Agronomia	12°
EN:5	35 anos	Casada	Estudante	Matemática/física	6°
EN:6	19 anos	Solteira	Estudante	Engenharia Ambiental	2°

**Fonte:** Entrevistas gravadas e Transcritas.

Cabe ressaltar que a pesquisa foi aprovada pelo Sistema CEP/CONEP<sup>1</sup>. A terceira etapa da pesquisa foi a sistematização e análise dos dados produzidos nas entrevistas. As mulheres/estudantes entrevistadas tiveram a total garantia do anonimato, para tanto, estas

<sup>1</sup> Protocolo de aprovação em anexo.

foram nomeadas neste relatório, como EN (sigla que refere-se a Entrevista), seguida de numeração em ordem arábica, referindo-se a ordem das entrevistas realizadas.

Tendo em vista que o Instituto de Educação, Agricultura e Ambiente (IEAA), oferece seis cursos, sendo quatro de licenciatura e dois de bacharelado e que o foco desta pesquisa foi investigar sobre a presença das mulheres negras no âmbito do Instituto de Educação, Agricultura e Ambiente (IEAA/UFAM), cabe mencionar que as discentes que participaram da pesquisa estavam matriculadas, na etapa da produção dos dados desta pesquisa, cada uma em um dos cursos ofertados pelo IEAA. Ainda com relação às participantes da pesquisa, destaca-se que estas participaram do levantamento inicial da pesquisa, no qual indicaram o reconhecimento da identidade negra, e se reconheceram do gênero feminino.

## SEÇÃO IV

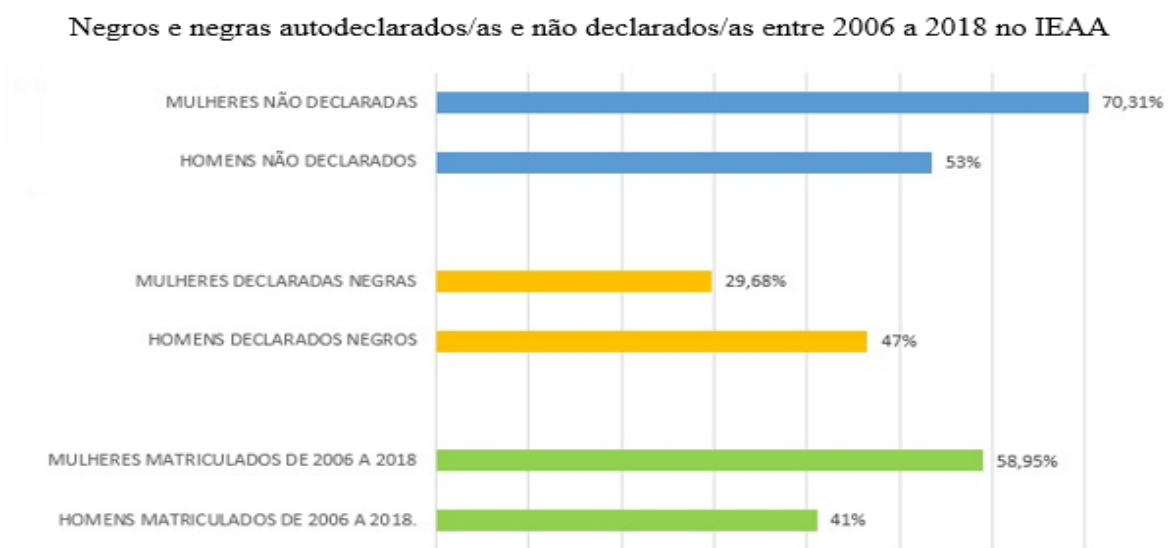
### A PRESENÇA, O ACESSO E A PERMANÊNCIA DA MULHER NEGRA NO IEAA: O QUE MOSTRAM AS ENTREVISTAS

O tópico mostra as análises e resultados dos dados produzidos no decorrer da pesquisa. Como forma de sistematização, foram organizados tópicos de análise que abordam o acesso e a permanência das estudantes e negras que se autodeclararam no ato da matrícula no IEAA, bem como informações que dão conta das relações de gênero que perpassam as práticas formativas no âmbito do IEAA e dos aspectos identitário produzidos no interior das práticas culturais percebidas na formação superior, elementos percebidos nas informações disponibilizadas nos documentos fornecidos pela coordenação acadêmica do Instituto de educação, Agricultura e Ambiente.

#### 4.1 Alunos e alunas negras e negros autodeclarados no IEAA

Os dados e as leituras realizadas em função da pesquisa possibilitaram verificar que número de negros e negras com acesso e permanência ao ensino superior é uma parcela quase insignificante no IEAA.

**Figura 1:** Mostra de alunos e alunas negras e negros autodeclarados e não declarados no IEAA de 2006 a 2018



**Fonte:** Dados organizados pela autora de acordo com as informações disponibilizadas pela Coordenação acadêmica do IEAA em 2018.

O gráfico mostra que o ingresso das mulheres na universidade tem sobressaído com relação ao ingresso dos homens no campus do IEAA. Porém cabe ressaltar que os homens em sua maioria buscam acessar a universidade declarando-se em maior quantidade perante a lei das cotas raciais. A lei de cotas<sup>2</sup> dá igualmente direitos a esses três tipos de raças negros, pardos e indígenas, deixando para as Universidades Federais, diferenciar a porcentagem ou critério de inserção apenas dos povos indígenas, desde que não ultrapasse a quantidade de vagas disponibilizadas de 50% para aos cotistas já mencionados.

Quando se trata da mulher negra a situação é ainda mais delicada. Como antes anunciado, os dados analisados a respeito da quantidade de acesso de estudantes negros e negras matriculados no IEAA entre 2006 a 2018 foram disponibilizados pela coordenação acadêmica do IEAA<sup>3</sup>, tais dados foram sistematizados em gráficos e/ou quadros que mostram os quantitativos de estudantes autodeclarados negros e negras. Isso remete entender que há uma maior ocupação das vagas ofertadas nas políticas públicas afirmativas por parte dos homens no IEAA, que teve início a partir do ano de 2013.

Com relação ao gráfico 1, o entendimento de que os homens aproveitam mais e melhor as oportunidades da lei de cotas das políticas públicas afirmativas nos levam a refletir sobre o que está arraigado historicamente no pensamento colonialista/patriarcal (LOURO, 1997), de que as mulheres não devem estar em um patamar de igualdade aos homens, o que leva entender que, por isso, acabam não usufruindo igualmente desse sistema de cotas previsto nas políticas afirmativas criadas em 2013.

Compreendemos que, nesse contexto, as tarefas masculinas e femininas são assinaladas pela relação binária, ou seja, tarefas e afazeres são atribuídos de formas diferentes conforme cada gênero. Ao homem, cabe o papel de mantenedor do lar. Para a mulher, designavam-se os cuidados com a gestão da casa e cuidado com as/os filhas/os (CARDOSO; LEITE, 2018, p. 215).

Como podemos ver no gráfico mostrado anteriormente, 70% das mulheres matriculadas não declararam a sua cor, o que leva refletir sobre a questão de identidade/diferença e gênero. Além disso, a forma colonialista (machista e patriarcal) que põe a mulher em uma situação de inferioridade pode afetar ao modo que estas assumem sua identidade étnica e racial. Muitas vezes as mulheres/estudantes negras estão submetidas à ideia de que lugar de mulher é servindo a família, ao marido e aos filhos, o que impede as mesmas de se manterem estudantes/universitária. Outro aspecto relevante é que muitas

---

<sup>2</sup>Esta lei 12/711/12 refere-se a uma reserva de vagas de 50% para os estudantes que Informações disponíveis em:

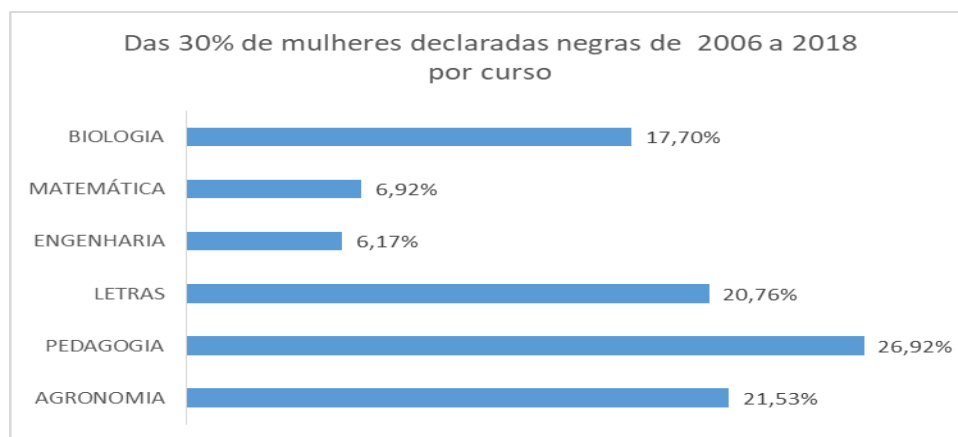
<sup>3</sup> Dados disponibilizados em anexo.



deixam de estudar para prover sustento de suas famílias, ou quando não são impendidas por quem deveria incentivá-las, e muitas vezes, algumas desistem da formação acadêmica por falta de recursos financeiros e/ou outros motivos, geralmente de ordem familiar. Buscamos apoio em Louro (1997) para entender os “papeis” atribuídos socialmente às mulheres.

Outras falas das entrevistadas mostram que situações de culpabilização também tem acontecido com as mesmas em virtude da escolha de serem estudantes no IEAA, o que indica situações desagradáveis de preconceito de gênero em relação às discentes mulheres negras no IEAA. As mesmas relataram que vivenciaram momentos em que alunos e professores do IEAA “sugeriram” que estas eram incapazes de fazerem determinadas atividades acadêmicas por serem mulheres, ou menosprezaram o direito e a capacidade das mesmas por estarem inseridas em um curso de exatas que, segundo a cultura machista ocidentalizada presente nos relatos das entrevistadas, seria um curso destinado a homens, ou que homens se sairiam melhor em determinadas áreas do conhecimento “você ver que há desigualdade, não é todo mundo que aceita, tipo o curso é bem dividido, há uma questão que o curso é mais voltado para homens, que mulheres não podem estar ali fazendo Agronomia, entendeu” (EN4). O gráfico a seguir mostra a questão primeiramente das mulheres serem a maioria em cursos de licenciatura e porcentagem de estudantes negras autodeclaradas matriculadas nos cursos do IEAA. Segundo o que falam as entrevistadas, a maioria delas escolheram os cursos por influência familiar, e outras que fizeram suas escolhas diante de resistências de suas famílias, que entendiam que determinados cursos não eram/são apropriados para mulheres.

**Figura 2:** Alunas mulheres autodeclaradas negras por Curso de 2006 a 2018



**Fonte:** Dados organizados pela autora de acordo com as informações disponibilizadas pela Coordenação acadêmica do IEAA em 2018.

Segundo Louro (1997), esta construção social que inferioriza a mulher em determinados campos de formação e atuação laboral e profissional tem sido impregnado pela cultura machista, e isso tem sido discutido pelo movimento feminista:

Fundamentalmente, no âmbito dos movimentos feministas, a segunda onda remete ao conhecimento da necessidade de um investimento mais consistente em produção de conhecimento, com o desenvolvimento sistemático de estudos e de pesquisas que tiveram como objetivo não só denunciar, mas, sobretudo, compreender e explicar a subordinação social e a invisibilidade política a que as mulheres tinham sido historicamente submetidas [...]. Evidentemente que tal subordinação e invisibilidade vinham sendo confrontadas, há centenas de anos por mulheres camponesas e de classes trabalhadoras que, movidas pela necessidade cotidiana de assegurar sua subsistência, desempenhavam atividade fora do lar, na lavoura, nas oficinas de manufaturas e, depois nas primeiras fábricas que se instalaram com o processo de industrialização. (LOURO, 1997, p. 15).

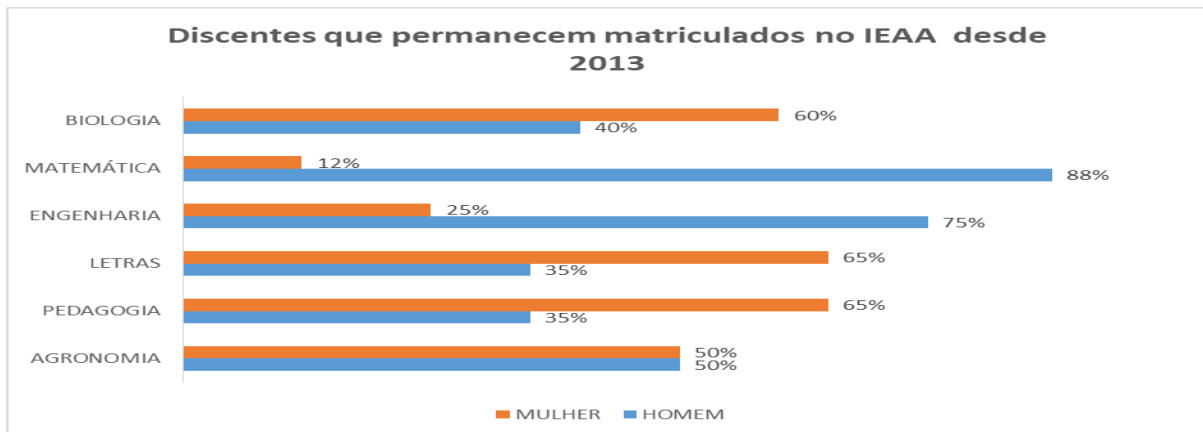
Percebe-se que a luta feminina por espaço e respeito tem acontecido ao longo de muitos anos e que o papel construído socialmente como sendo da mulher, precisa ser revisto/desconstruído, que não cabe mais a as mulheres aceitarem estas condições que lhe foram impostas ao longo da história. É preciso que as mulheres tomem para si a ideia que as grandes mudanças e evolução que aconteceram no decorrer das lutas feministas, geraram conquistas as quais lhe asseguram direitos, e que estes não devem ser deixados de lado.

Os dados disponibilizados pela Coordenação Acadêmica mostram uma das questões principais nesta pesquisa, que mesmo as mulheres autodeclaradas negras são a maioria matriculadas no IEEA, estas fazem pouco uso das cotas disponibilizadas pelas políticas públicas, talvez por todas as problemáticas discutidas aqui sobre o papel construído para a mulher na sociedade; que as deixam em situações inferiorizadas não as permitindo, inclusive escolherem os cursos os quais pretendem se formar, raros algumas exceções, ou mesmo quando escolhem, são discriminadas nos âmbitos de formação.

Como relata a entrevistada EN6 “pelo fato da maior parte dos meninos saberem mais a matéria, conseguem assimilar melhor e mais rápido o conteúdo que as meninas, eles (se referindo a alguns professores) se dedicam mais aos alunos homens, até falam que o curso é para homens”. A fala da entrevistada deixa visível que alguns professores dão mais atenção aos estudantes homens, que remete a entender que isso faz com que os estudantes do gênero masculino desenvolvam entendimento sobre o conteúdo abordado mais rápido que as mulheres, o que não significa que são mais inteligentes ou que tal área do conhecimento é de

competência masculina. O que está em jogo nesta formação é o preconceito e a discriminação feminina. Ambos possuem capacidade, direito de igualdade e respeito no âmbito da universidade. Cabe então ressaltar que faz sentido a relação de resistências em aceitarem as cotas no contexto em que a mulher está inserida.

**Figura 3:** Quantidade de homens e mulheres autodeclarados que permanecem matriculados no IEAA por curso a partir de 2013.



**Fonte:** Dados organizados pela autora de acordo com as informações disponibilizadas pela Coordenação acadêmica do IEAA em 2018.

Dos discentes matriculados que permanecem dentro do prazo legal estabelecido conforme as normas da PROEG/UFAM, que estabelece a quantidade de períodos permitidos por curso da instituição, há uma pequena oscilação de períodos entre os cursos, que variam entre 8 e 12 períodos em tempo normal de formação, dependendo do curso. Salientando que esta tabela vem mostrar um número mais considerável de homens que permanecem nos cursos de graduação do IEAA, do que das mulheres que permanecem matriculadas, reafirmando o grau de dificuldade da mulher em dar a continuidade no processo de permanência no ensino superior. Desse modo;

[...] quando nos dispomos a discutir a produção de diferenças e de desigualdades de gênero, considerando-se todos estes desdobramentos do conceito, também estamos, ou deveríamos estar, de algum modo, fazendo uma análise de processos diferentes, em função tanto de seu gênero quanto em função de articulações de gênero com raça, sexualidade, classe social, religião, aparência física, nacionalidade, etc. E isso demanda uma ampliação e complexificação não só das análises que precisamos desenvolver, mais ainda, uma reavaliação profunda das intersetores sociais e políticas que devemos, ou podemos, fazer. (LOURO, 2013, p. 21).

Louro (2013) nos leva a entender que devemos refletir que vários são os fatores que interferem de maneira considerável, na permanência dos discentes de modo geral, entretanto, para a mulher o gênero por si só traz um peso e uma grande responsabilidade, devido toda

história feminina. Lembrando que estamos tratando de mulheres estudantes em uma cidade do interior do Amazonas, que normalmente oferece poucas oportunidades de emprego e renda, de modo geral, além de não existir ofertas de estágios remunerados nas diversas áreas de formação dos cursos do IEAA, de modo que as estudantes pudessem contar como uma forma de auxílio econômico laboral, como é comum em capitais ou grandes cidades brasileiras.

Para que os negros e as negras tenham igualdade de acesso ao mercado de trabalho, assim como aos campos universitários, é preciso que haja políticas públicas eficientes que possam oferecer oportunidade, respeito e igualdade. Percebe-se, nos dados levantados, que as condições as quais são impostas pelo próprio sistema que os selecionam e classificam nas vagas ofertadas nas universidades, também acaba impondo, principalmente ao sujeito negro e negra, viver perante a herança social que os estereotipam e os subalternizam diante do pensamento colonialista, no qual as minorias são menosprezadas e desconsideradas.

Não dar condições de acesso à igualdade para sobreviver decentemente em uma sociedade, muito menos em uma universidade, cujas condições econômicas e outras dificuldades imperam, torna-se o mesmo que os excluírem do processo. E embora saibamos que ainda no Brasil haja leis e cotas que tentam amenizar o prejuízo causado perante toda história que perpassa a construção da trajetória negra, em especial da mulher negra, ainda assim, os danos causados estão longe de serem reparados, até porque os cenários políticos atuais acenam para dias nebulosos na formação pública nos âmbitos universitários, o que pode comprometer ainda mais a presença da mulher negra na universidade.

Particularmente, como mulher e estudante negra – identidades nas quais me localizo, não poderia deixar de trazer as narrativas das estudantes negras sobre como é estar inserida em um contexto de formação universitária sendo uma mulher estudante negra no IEAA, bem como a forma como encaram os desafios da vida dentro e fora deste instituto. Ser negra e estudante do IEAA me motivou pesquisar com as outras mulheres negras que aqui estudam. Buscando novos olhares, trago aqui compreensões sobre como as questões de gênero e identidade e diferença, e relações étnico raciais são percebidas pelas mulheres entrevistadas nos espaços da universidade, considerando que não foi encontrado estudos dessa natureza no acervo da biblioteca desta unidade acadêmica – IEAA/UFAM, deixando entender que esta temática parece invisibilizada neste espaço.

Com base em Silveira (2007), a entrevista nas pesquisas em educação compõe uma “arena de significados”, também Andrade (2012) aponta que a entrevista narrativa possibilita

aos sujeitos entrevistados, expressarem suas identidades diante de si e dos outros. “As narrativas são, nesta perspectiva, atravessadas pelas relações de poder, pois se constroem em torno de discursos hegemônicos” (ANDRADE, 2012, p. 176). Tendo como base os apontamentos citados, a primeira questão foi no sentido de entender a forma como as estudantes negras do IEAA narram suas identidades, para tanto, foi solicitado que se apresentassem. Assim se narraram:

Sou negra, minha família vem de uma família humilde, somos eu, minha irmã, meu pai e minha mãe. Sempre tenho enfrentado desafios por conta da minha cor. Na infância eu encontrei alguns desafios pela cor da minha pele preconceito, antes eu alisava o cabelo, hoje não, eu já me aceitei, eu não aceitava antes devido a sociedade ter preconceito (EN4).

Sou casada há 17 anos, tenho uma filha, sou negra, estudante do IEAA, minha infância foi um período bem difícil, por que naquela época eu não tinha tanto entendimento como eu tenho hoje, então eu sofri *bulliyng* por que meu cabelo era feio, me chamavam de negra, teve até quem me chamou de macaca (EN5).

Sou mulher, sou negra, apesar de ser nova ainda na idade, com 19 anos, ainda vejo preconceito sobre mim, por causa da minha cor, da minha raça, eu vejo que é uma questão que tem que ser mudada, não só por questão de ser mulher, mas pela cor, até porque, homem também sofre com isso, mas é uma questão que tem que acabar, acontece mais com relação às mulheres negras (EN6).

As entrevistadas se narram negras, mulheres, estudantes, dentre outras identidades. Interessante notar que, junto suas apresentações, estas mostram a forma racista com que foram abordadas durante seus processos de vida. Algumas relatam que são mulheres de famílias humildes (pobres), mas com histórias de vidas similares, sofreram preconceitos por sua cor, cabelo, identidade e gênero. A questão da cor e sua autoidentificação as deixaram com marcas profundas, que somente o acesso à universidade e conseqüentemente ao conhecimento tem amenizado um pouco o dilema de ter nascido mulher e negra no Brasil onde a discriminação e preconceito velado ainda imperam.

Apesar das narrativas das entrevistadas terem acontecido dentro da escola no Ensino Básico, nos atuais a escola é o principal meio para conter esses atos e uma possível mudança social como afirma Yabe (2018, p. 170):

[...] Para fortalecer esses movimentos pelo direito de igualdade de raça, classe e gênero, seria ideal uma mudança no campo da educação, por meio do empoderamento de jovens mulheres, neste caso, mulheres negras, fortalecendo sua luta e favorecendo a representatividade na sociedade contemporânea [...] pois a afirmação de identidades de gênero e raça é construída à margem da história da sociedade brasileira.

Estas são questões que têm sido construídas ao longo da história do negro, mas que na verdade possuem raízes profundas difíceis de se arrancar, trazidas e impregnadas desde o período da colonização, e pós abolição, embora seja compreensível a naturalização cultural do processo pelo desconhecimento histórico dos fatos, ainda assim, não é compreensível a sua continuação pelo processo histórico de evolução natural ao ser humano. Além disso é preciso que haja uma grande transformação na educação brasileira, para que no decorrer dos tempos a sociedade possam abstrair um novo conceito e conseqüentemente um novo comportamento em relações as questões éticos raciais e de gênero.

A história da discriminação racial no Brasil tem raízes que ainda não conseguimos desvincular ou exterminar do processo cotidiano de homens e mulheres negras, que têm sofrido com barbaridades durante o processo de construção das suas histórias particulares de vida. A forma como as estudantes se narram mostra que ainda existem racismos relacionados a cor, raça, etnia e gênero. A história da colonização do país aponta para discriminação e exclusão da população negra. A colonização imbricou um pensamento de que a cor e as características físicas de um ser humano negro, de acordo com Dantas (2012), estragariam a cor da raça branca, pois se houvesse misturas seus descendentes nasceriam com capacidades intelectuais e de evolução social inferiores aos demais grupos, ideia esta, trazida da Europa.

Sobre como ser mulher negra as entrevistada responderam:

Todo mundo que é diferente tem algum empecilho, causo espanto pelas minhas ideias, pelo meu jeito de vestir, então dá para sentir muito isso. Há muito preconceito e a gente leva por uma construção social cultural, que a gente coloca um ponto de amenização, como quando se faz piadas ofensivas entre amigos sobre negros, quando as pessoas riem sobre isso me machuca, então enquanto se tiver reproduzindo esses risos, essas pessoas estão continuando reproduzir a ignorância, vão continuar sendo ignorantes, por que se riem, por que está concordando (EN2).

Ser mulher é difícil, ser mulher negra muito mais, encontramos muitos desafios e preconceitos, a sociedade discrimina às vezes só no olhar, percebo isso (EN4).

É difícil, mas eu não importo com nada, mas a gente vê preconceito, só que isso não me abala, as pessoas olham diferente, só que isso não me afeta (EN5).

Podemos perceber nos relatos das estudantes que estas sofreram com os olhares estereotipados da sociedade. Percebe-se o quanto a discriminação e o preconceito acontecem de forma naturalizada devido a uma impregnação cultural posta pelo colonialismo eurocêntrico disseminado na formação brasileira. Por mais que sintam ou queira pensar, ou agir diferente, a sociedade ainda não conseguem disfarçar, o quanto a diferença versos a

identidade causa espanto e desconforto, por se acreditar que o comum seria representado ou significado pela maioria.

A partir do momento que o sujeito se posiciona com relação a sua identidade, ele passa a ser visto com diferença. Ser diferente, para Woodward (2013) significa situar-se em um lugar ou um momento particular, próprio de cada sujeito, ou como a autora afirma, “a identidade é marcada pela diferença, mas parece que algumas diferenças – neste caso entre grupos étnicos – são vistas como mais importantes que outras” (WOODWARD, 2013, P. 11), assim, as estudantes negras, ao afirmarem em suas narrativas que não fazem parte de um grupo supostamente igual, marcam suas identidades e diferenças.

Estas diferenças vão muito além, e são representadas ou significadas pelos próprios objetos usados pelos sujeitos, objetos estes, inseridos pela mesma sociedade que os faz diferente, de forma que determinam a sua identidade e também sua diferença pelos usos de artefatos culturais ou outro objeto qualquer, assim, “a construção da identidade é tanto simbólica quanto social” (WOODWARD, 2013, p. 10).

Essa forma de ver a identidade é percebida na fala da estudante EN2, quando afirma sentir o espanto e olhares diferentes dos demais estudantes e docentes na universidade por possuir personalidade em sua forma de expor seus pensamentos, de se vestir ou usando objetos (símbolos de identidade) e adereços diversos. Para Woodward (2013, p. 10) “existe uma associação entre a identidade da pessoa e as coisas que uma pessoa usa”. O que seria então ser diferente, carregar estereótipos de desigualdade por possuir identidade própria e não seguir o que é comum a todos, a identidade, nesta forma de ver, são fortemente questionadas (HALL, 1997). Devemos lembrar que;

As identidades são fabricadas por meio da marcação da diferença. Essa marcação da diferença ocorre tanto por meio de sistemas simbólicos de representação quanto por meio de forma de exclusão social. A identidade, pois, não é o oposto da diferença: a identidade depende da diferença. Nas relações sociais, essas formas de diferenças – a simbólica e a social – são estabelecidas, ao menos em parte, por meio de sistemas classificatórios. Um sistema classificatório aplica um princípio de diferença a uma população de forma tal que seja capaz de dividi-la (e a todas as suas características) em ao menos dois grupos opostos – nós/eles, por exemplo [...] (WOODWARD, 2013, p. 40).

É possível entender que o que foge da normalidade, segundo a cultura dominante, é considerado diferente. Ser mulher/estudante negra, como se narram às entrevistadas, as marca como sujeitos de identidades carregadas de diferenças. Cabe pensar que o “comum” ou “normal” são aquelas identidades marcadas pelos padrões sociais ditados pela ocidentalidade,

excluindo, de alguma forma, o grupos que não se enquadram aos padrões, dentre os quais estão situadas etnia, raça, gênero, e outros considerados minorias.

Algumas estudantes entrevistada relatam sentirem-se seguras e empoderadas por serem mulheres e negras. Assim relatam:

Ser negra para mim é uma coisa comum, me sinto empoderada por conta da minha cor, porque tem um estereótipo de mulheres fortes, é, eu me sinto, posso me resumir nisso. Me sinto uma mulher forte por ser negra (EN1).

Hoje, eu falo, é um orgulho ser uma mulher negra, hoje eu falo isso com muita precisão e bato no peito, por que é quando a gente estuda história da educação que a gente vê a luta dos escravos e tudo mais, e você vê que está na sua pele a marca registrada do negro, para mim é orgulho ser uma mulher negra (EN3).

Em primeiro lugar acho que é uma benção de Deus, por que eu creio que ele não fez ninguém igual, e apesar da gente sofrer, ainda é uma coisa boa (EN6).

As narrativas apontam para uma identidade individual empoderada destas estudantes, que apesar de serem marcadas pelas diferenças sociais e de gênero afirmam que essas diferenças não as tornam inferiores aos demais sujeitos, mas as tornam fortes e orgulhosas por suas identidades. Isso remete pensar que estas estudantes resistem às imposições das culturas eurocentristas que colocam os sujeitos em posições binárias, (belo/feio; homem/mulher/civilizado/selvagem; forte/fraco e outras), essa forma de ver a cultura está ligada ao que afirma Woodward (2013, p. 42), ao afirmar que: “as formas pelas quais a cultura estabelece fronteiras e distingue a diferença são cruciais para compreender as diferenças”, o que significa entender que, mesmo se narrando empoderadas e orgulhosas de sua cor e de seu gênero, não quer dizer que estas estudantes não sofreram com o racismo, mas que aprenderam a lidar com ele. A esse respeito, entendemos que:

Se o empoderamento da mulher negra é um caminho na busca pela igualdade de direito, por outro lado é uma nova questão para o combate ao racismo, um arranjo de velhos problemas que a mulher negra sofre há muito tempo, como ser considerada inferior e sempre ser deixada de lado. O que é diferença da cor? Somos iguais e temos os mesmos direitos perante as leis do país? E de que igualdade de direito estamos falando? O papel da mulher negra é negado na formação da cultura nacional (YABE, 2018, p. 173).

Nota-se no IEAA, a partir dos relatos das estudantes negras entrevistadas, que ainda há algumas ideias conservadoras do passado de discriminação racial, como podemos ver na narrativa “uma vez uma pessoa chegou perto de mim, e tipo falou nossa como você está



cheirosa, nem parece assim que tem essa cor, por que geralmente pessoas dessa cor fendem” (EN2), essa é uma ideia racista construída e enraizada pela cultura do nosso país.

Percebe-se que o preconceito racial e de gênero está enraizado nas histórias de vida de nossas entrevistadas, por mais que, em algum momento, algumas relatam não percebem o tratamento diferenciado pela questão da cor, é possível perceber o quanto a cor da pele ainda contribui com os discursos estereotipados que inferioriza a população negra, embora esses discursos sejam minimizados, como no relato da EN2 (acima), pois:

As desigualdades e o racismo são reproduções sociais de maneira não generalizada dentro de uma sociedade. As oportunidades e a desigualdade de oportunidades entre grupos raciais são, geralmente, produzidas por ações entre pessoas que estão fora do conceito étnico, que se consideram superiores a outros. Isso ainda é uma prática de discriminação muito comum em nossas escolas, entre os próprios alunos em seu convívio, na tentativa de diminuir o outro sujeito, construindo um estereótipo imposto por um determinado grupo (YABE, 2018, p.172).

A intolerância nos espaços acadêmicos, embora disfarçada nos discursos de aceitação ainda prevalece nos dias atuais, assim, algumas entrevistadas vivenciaram situações e fatos no IEAA, que talvez na tentativa de amenização do racismo, afirmam não perceberem atos que as discriminam como no caso desta narrativa:

Uma vez fui ao almoxarifado pegar uns materiais e a moça que trabalhava lá, acho que ela era técnica, aí eu tinha acabado de chegar do sol quente e estava muito cansada, aí ela falou se fosse eu no sol teria que gastar dois vidros de protetor solar, mas você não precisa, entendeu por que já sou negra, tipo para quê, não entende nem a concepção de se usar um protetor solar, eles não sabem para que serve isso, não sei nem o que dizer da pessoa falar uma coisa dessas, provavelmente formada, aqui dentro trabalhando com pessoas, é infelizmente é ignorante, ignorante por que quer, por que nós temos acesso a informação, e somos capazes de se modificar e mudar de ideias(EN2).

A respeito de como foi sua formação escolar no ensino básico as entrevistadas relataram situações similares de suas experiências;

Normal toda minha formação foi em escola pública, por acontecer vários desses fatores, por isso que eu falei de reprodução, e foram tantas coisas que não dar para falar, das mais leves que considero básicas chacotas, até casos um pouco mais graves, as vezes eu não gostava de ir para a escola, apesar de eu gostar de estudar [...] sempre me vesti muito diferente, debatia muito sobre ideias, quando me afrontavam, eu falava não brigava, mas, tentava argumentar, sempre que alguém chega perto para conversar, a já pensam assim com certeza ela deve ser doida ou deve usar drogas, ainda mais por que moro no bairro são Cristóvão, e o geral acha que lá, tem o estereótipo do bairro, então já é pobre, é preta, ainda mora naquele bairro, naquele lugar (EN2).

A formação escolar teve um pouco de dificuldade, sempre tive muita dificuldade de aprendizagem, até hoje eu tenho principalmente aqui no IEAA, na escola foi bem complicado tinha alguns professores que tinha um certo distanciamento de mim, eram mais carinhosos, davam mais atenção as outras crianças, e judiavam um pouco de mim, puxavam muito a minha orelha, [...] foi assim um pouco turbulento. Também teve as perseguições de alunos, não entendia na época, e vim até querer desistir de estudar, falei com minha mãe não quero mais ir para a escola, [...] ver professores que não gostavam muito de mim e eu não sabia o porquê, [...] algumas pessoas não gostavam do meu cabelo, meu cabelo é muito feio, meu cabelo sim eu digo que sofri bastante, diziam que meu cabelo era de bombril, de ninho, que eu tinha que alisar que era a moda da época, e nisso eu comecei a esconder o meu cabelo, e nunca gostei até um tempo atrás, ia de cabelo amarrado, de coque, [...] com os professores nunca relatei pelo fato de eu ser negra, mas eu vi outro tipo, uma certa exclusão, como em debate na sala de aula, eu dava assim a resposta do que ele queria saber, condizente com a pergunta dele, sendo que outra colega dava a mesma resposta, ele sempre achava a resposta dela melhor que a minha, e eu não entendia o porquê disso, até hoje não entendo (EN3).

Eu já cheguei a falar com alguns professores que estava sofrendo bullying por causa da minha cor, por eu ser negra, aí eles foram me aconselhando que eu não tinha que ligar para o que os outros falavam, e que eu tinha que tipo deixar de lado. Em questão de amizade, no ensino fundamental e médio tinha aquele grupo que andava comigo normal, mas tinha aquele que ficava meio de fora por conta da minha cor, as vezes vinham falar por eu ser negra, vieram falar para eu alisar meu cabelo, só que eu não quis, e antes eu tive problema com meu cabelo, todo mundo falava, e no meu ensino médio acho que eu era a única que tinha o cabelo cacheado, crespo, eu via todo mundo com o cabelo liso, pensava quero alisar, quero ser igual, depois não eu mudei minha identidade é essa (EN6).

Percebe-se que a exclusão e o racismo inicia-se na vida de um sujeito negro ainda na sua infância no decorrer do ensino básico como relatam as narrativas, por isso essas questões são tão fortes em suas histórias e criam raízes profundas deixando marcas quase impossíveis de serem apagadas da vida destas mulheres que crescem com sentimento de inferioridade e de negação de sua identidade étnico racial, devido o próprio descaso do ambiente escolar que muitas vezes ao invés de extinguir reproduz através da exclusão e classificação do sujeito negro.

Este processo decorre de maneira tão maquiada no espaço escolar que as alunas levam anos para compreender o tratamento diferenciado e relacionar com a questão da cor de pele, mas, fica claro em suas declarações o quanto a questão étnico racial e de gênero tem influenciada em sua trajetória escolar. As características físicas do sujeito negro como o cabelo, nariz e outros traços marcante incomodam. A prática é diferencia do discurso embora

não pareça como diz EN2, mas, a prática é de reprodução, de continuidade, de ignorância e estas são frutos das construções sociais já impregnadas que tentam inferiorizar o outro, de maneira que concordamos com esta afirmação;

[...] Para que possamos diminuir as diferenças sociais no mundo contemporâneo, com trabalhos de incentivo nas escolas públicas. Pretendemos proporcionar, por meio da escola e de toda sua comunidade, enquanto espaço privilegiado para o saber científico, discussões nesse contexto, que ainda continua tentando se desvencilhar do racismo presente na sua história, por ações que valorizem as diferenças, por meio do respeito entre todos, podemos assim diminuir as várias formas de violência muito comum nas escolas, onde se faz uso de cenas, palavras, gestos, bilhetes, piadas denotando assim, que a comunidade educativa ainda não está preparada para trabalhar o tema racial [...] (YABE, 2018, p.168).

Porquanto a intolerância ainda prosseguir na atualidade em escolas públicas, nos espaços acadêmicos e na sociedade em geral, as desigualdades ainda imperam corredores a fora, embora disfarçado no discurso de aceitação, o racismo é praticado de forma inegável. Da maneira como vivenciaram em sua infância e adolescência em todo o ensino básico, algumas entrevistadas também vivenciaram situações similares no IEAA, que talvez por inocência ou tentativa de amenização fingem não verem ou não compreenderam os atos preconceituosos que as inferiorizam.

Embora quem pratica o racismo muitas vezes o faz inconscientemente devido a profundidade enraizada culturalmente. Assim tem sido através das supostas brincadeiras relacionadas a cor da pele, cabelo, nariz e outros traços do sujeito afrodescendente, essas práticas já são tão comuns que os sujeitos nem se dão conta dos danos causados, sua espontaneidade com a questão é tão natural que não conseguem conter-se.

As entrevistadas narraram quais eram as suas concepções de universidade antes de adentrar no Campos universitário do IEAA.

Eu achava pensava como vários adolescente que na universidade ia ter bastante bagunça e diversão, mas, também teria o lado acadêmica, imaginava que as pessoas que estavam na universidade teriam a mente mais aberta, e estavam mais aptas a procurar respostas, a sim indagarem, se questionarem, infelizmente percebi que não pelo menos no meu ponto de vista. Pessoas entraram aqui no mesmo período que eu, e não desfrutou nada do conhecimento, continua com as mesmas ideias, não desconstruíram nada, não construiu nada novo, não modificaram, acho que a universidade não é para isso, pois o processo de aprendizagem é um processo de transformação (EN2).

Antes de entrar na universidade eu achava um bicho não só de sete cabeças, mas de vinte, por que achava assim meu Deus o que é essa Universidade, via o exemplo do meu irmão, ele passava várias noites estudando, ele já estudou aqui no IEAA, e eu falei caramba isso não vai ser fácil para mim, mas, as vezes pensava vou me sobressair também, não vou me

diminuir assim, mas o impacto foi maior, realmente foi muito grande por que não era nada daquilo que eu pensava, o ensino é mais rigoroso, ele exige mais de ti (EN3).

Eu achava que era bem mais fácil, por conta de ter ouvidos amigos me falarem, quando eu entrei vi que era uma percepção diferente, que você estar ali por um motivo e que você tem que batalha por esse motivo, que realmente não é tão fácil (EN6).

Estas narrativas demonstram o desconhecimento e o despreparo das discentes entrevistadas com relação a ideia do que seria um ambiente universitário e sobre os processos que se desenvolvem em seu âmbito. O que remete a pensar que a formação básica não está preparando os alunos com intuito de prosseguir uma formação superior, além disso deixam uma lacuna na formação que incluem também estudos sobre o colonialismo e os afrodescendentes, no que referem a importância do negro na sociedade brasileira. Com isso as mulheres estudantes negras adentram a universidade desconhecendo seu valor e sua importância na construção da sociedade atual.

Considera-se que é papel também das escolas empoderarem estas mulheres estudantes a construir conhecimentos críticos, fundamental para formação pessoal evolutiva de um sujeito emancipado, que após a conclusão do ensino básico serão inserido na sociedade em que vive sob uma nova perspectiva, o que remete a pensar que a escola os prepara apenas com conhecimentos básicos necessários para exercer sua devida cidadania de direitos e deveres, ou simplesmente para serem inseridos no mercado de trabalho, justamente para que não fujam ao que lhe está destinado segundo a ditadura da reprodução dos brancos dominantes versus negros dominados.

[...] Os horizontes da extensão da escolarização até o ensino superior precisam fazer parte das trajetórias escolares das famílias negras ao ponto de usufruírem das mesmas oportunidades que historicamente a maioria das famílias brancas tiveram (FERNANDES, 2017, p. 151).

Tem sido demasiado os obstáculos enfrentado pela população negra por conta da cor da pele, por isso os negros que se deparam e conseguem permanecem no ensino superior, e obtém conhecimento sistematizado, adquirir uma nova diferenciada visão a respeito da vida e da forma como foi construída a sua história considerando as raízes antepassadas. Ou seja a construção histórica do negro e da mulher negra necessário para o empoderamento dentro da atual sociedade.

A ausência de conhecimentos sobre a importância da construção da sociedade brasileira colonialista e patriarcal, não motiva as estudantes lutarem por um lugar de direito, talvez seja exatamente isso que almejam por trás das entre linhas, pois “O sistema de ensino

dissimula melhor e de maneira mais global do que qualquer outro mecanismo de legitimação” Fernandes (2017, p.141). Portanto, o ensino superior verdadeiramente deveria ser um espaço de transformação e libertação não só no sentido intelectual mas, de maneira geral na vida, onde as manifestações e contestações fossem para o esclarecimento das ideias.

A respeito das discentes já terem sofrido algum tipo de racismo por ser mulher negra de modo geral na sociedade;

É bem comum perceber é uma carga histórica e as pessoas não tendem a mudar isso, vai só reproduzindo e reproduzindo, ainda hoje acontecem muito, e é muito explícito as pessoas olhares e te julgarem, quando eu vou ao mercado, aqueles que tem os locais para guarda as bagagens, sempre anda eu e uma colega minha, e ela é branca, e uma vez fomos ao mercado, o segurança pediu só para que eu colocasse a bolsa no porta volume (EN2).

Principalmente dentro da família eu já sofri muito, só não vou citar o nome é uma pessoa bem próxima a mim, é algo assim quando estar conversando e aí já começa a alterar a voz, e aí há um desentendimento, sai daqui sua negrinha, sua macaca, e tudo mais, e nisso vai usando as palavras mais pejorativas, e isso vai me magoando muito mesmo (EN3).

Tipo alguns lugares que eu já cheguei, e as pessoas olham tipo com olhar diferente, por que você sente quando você está sendo discriminada, meu namorado ele é branco, então quando a gente chega em algum lugar juntos as pessoas já olham, tipo como se fosse uma coisa diferente entendeu (EN4).

É inaceitável como a presença da mulher negra tem sido uma mácula na sociedade vigente, estereotipada e marginalizada explicitamente sem qualquer tipo de pudor, com tamanho desrespeito ao direito de ir e vir. De Tal maneira que em certos lugares e momentos há racismos gerados pela simples identificação de sua diferença é identidade étnico. Isso tem acontecido constantemente com várias mulheres negras em diversos ambientes público e privada da sociedade.

Assim como narram as entrevistadas que perpassam momentos constrangedores por carregarem consigo uma generosa dose de melanina em sua cor de pele, sendo que estes atos muitos vezes são causados por pessoas que também possuem descendência afrodescendentes e por alguma razão ou desconhecimento histórico não compreendem e não se aceitam por isso continuam reproduzindo as desigualdades, através de olhares diferenciados agem como se não fossem direito destas frequentarem os mesmos espaços sociais “Já não era mais possível sustentar que o problema das desigualdades no Brasil era apenas econômico. Estava claro que nessas desigualdades havia componentes raciais” Fonseca (2011, p.116), resistem ao direito de respeito e igualdade ao outro, ao perceberem que o outro supostamente é diferente. A esse respeito, Woodward (2013) vem afirmar que;

[...] A diferença pode ser construída negativamente – por meio da exclusão ou da marginalização daquelas pessoas que são definitivamente como

“outros” ou forasteiros. Por outro lado, ela pode ser celebrada como fonte de diversidade, heterogeneidade e hibridismo, sendo vista como enriquecedora: é o caso dos movimentos sociais que buscam resgatar as identidades sexuais dos constrangimentos da norma e celebrar a diferença [...] (WOODWARD, 2013, p.51).

Sempre que fatos como estes ocorrem independentemente de onde e quem os praticou, não deixa de se entender que ainda necessitam mostrar a sua superioridade versus a diferença do outro. Como em casos que pessoas próximas ou da própria família maltratam seus familiares com palavras e ofensas raciais, de alguma maneira impondo uma certa superioridade de raça, causando danos irreparáveis por toda uma história de vida, inferiorizando, humilhando fazendo com que sintam-se piores do que o próprio processo social já as condicionaram, tudo isso é causado pela identidade/diferença, como se grupos que inferiorizam tivessem uma descendência supervalorizadas ou melhores, é como afirma Fernandes (2017, p. 150);

[...] Os negros e negras são descendentes de ex-escravizados que foram excluídos do sistema escolar e herdaram além da pobreza, a cultura da baixa escolarização ou ausência dela e todos os estigmas da rejeição social da cor preta que é responsável pelas práticas racistas que resultaram em grande parte da população negra descontinuar na trajetória escolar.

A rejeição social ainda são práticas atuais causada pelo racismo, gênero, orientação sexual entre outras, o sujeito ainda não se deu conta de suas barbárie, e que estas são inaceitáveis considerando que estamos no século XXI e a escravidão acabou a mais de uma século. Infelizmente por mais conhecimentos que possamos adquirir ainda não estaremos livres das marcas deixada pela colonização, são resquícios muito forte de uma época em que os sujeitos não possuíam o direito de serem livres devido a ganância do homem e a concepção errônea de inferiorização de raça e cor.

#### **4.2 Acesso e permanência das estudantes negras no IEAA**

Sobre o acesso e permanência das estudantes negras na universidade, a Lei de cotas(12.711/2012) prevê igualmente direitos aos negros, pardos e indígenas, deixando para as Universidades Federais, diferenciar a porcentagem ou critério de inserção apenas dos povos indígenas, desde que não ultrapasse a quantidade mencionada. Isso remete entender que há uma maior ocupação das vagas ofertadas nas políticas públicas afirmativas por parte dos homens no IEAA, o que leva a pensar que estes estão sabendo de alguma forma usufruir melhor da disponibilidade das cotas, que teve iniciou a partir do ano de 2013 pela lei citada,

que foi sancionada pelo Decreto nº 784/2012, inserida com o mínimo de 12,5% de suas vagas destinadas aos cotistas, das quais os quatro anos seguintes, adotou um sistema gradual até que se alcançasse uma porcentagem de 50% de cotistas. O que propunha a lei, era que os outros 50% fossem destinados à ampla concorrência dentro critérios e das normas já estabelecidas, sendo as cotas divididas por cor, ter estudado em escolas públicas e condições econômicas.

Percebe-se, entre os discentes autodeclarados negros e negras no IEAA, uma quantidade de homens autodeclarados superior em relação às mulheres autodeclaradas. Isso nos leva a refletir o que o colonialismo ainda está presente e interfere nas relações sociais, acentuando os binarismos entre os gêneros na universidade. Compreendemos que, nesse contexto, “as tarefas masculinas e femininas são assinaladas pela relação binária, ou seja, tarefas e afazeres são atribuídos de formas diferentes conforme cada gênero. Para a mulher, designavam-se os cuidados com a gestão da casa e cuidado com as/os filhas/os” (CARDOSO; LEITE, 2018, p. 215).

Partindo do pensamento que a mulher possui diversos impedimentos históricos, culturais e sociais, entende-se que a mulher/negra possui uma resistência a aceitar a si mesma frente aos “papéis” a ela impostos. Podemos ver melhor nos relatos das entrevistadas que se autodeclararam negras perante a universidade e mesmo assim não se beneficiaram do sistema de cotas disponíveis e entraram na universidade via ampla concorrência;

Eu fiz três anos de processo seletivo contínuo (PSC) durante três anos, cada ano você faz uma prova, e eu passei pela ampla concorrência, não foi por cota (EN1).

O meu acesso foi pelo vestibular do PSI que é processo seletivo do interior, mais foi por cota, fui eu quem fez a inscrição (EN2).

O acesso geral mesmo, eu tentei duas vezes uma pelo PSC e outra pelo o ENEM, eu joguei muito alto, por que eu queria fisioterapia e tentei para Manaus, talvez se eu tivesse tentado para Coari talvez eu tivesse passado, e pelo ENEM eu entrei pela ampla concorrência, e como na época eu não entendia o que era cotas, e até hoje cota acho que é um assunto bem amplo para a gente discutir um pouco, por que o que é cotas? Recém saída do ensino médio e já pulando para o ensino superior, o que eu sabia era o que eu ouvia das pessoas, que a cota era só para quem era privilegiado, totalmente uma distorção do que ela é, do que a gente comenta hoje (EN3)

Eu ingressei aqui pelo PSC, por ampla concorrência (EN4).

Eu entrei pelo Macro Verão, tinha lá as cotas, eu coloquei negra mesmo, mas concorri pela ampla concorrência mesmo, por que eu não sou diferente de ninguém, então eu entrei pela ampla concorrência (EN5).

Então, eu entrei por ampla concorrência, eu fiz as três etapas do PSC e consegui uma boa nota e entrei (EN6).

Mesmo concorrendo a processos iguais, cada uma das entrevistadas justifica os motivos que as levaram não ter escolhido acessar a universidade pelo sistema de cotas. Isso nos leva a entender que há um preconceito velado sobre os negros e negras que optam pelo sistema de cotas, ou que falta de informação a respeito. Sobre ser negra e não optar pelo sistema de cotas, as falas das entrevistadas mostram resistência das mesmas frente as desigualdades sociais, ou seja, mostrar que são negras, apesar dos preconceitos que sofrem em função da cor, é importante para autoestima destas discentes. É uma forma de mostrar sua identidade negra (diferença autodeclarada, apesar de menores índices que dos homens no IEAA) e se afirmem “iguais” em suas capacidades no obter o acesso à universidade.

A forma colonialista (machista e patriarcal) que põe a mulher em uma situação de inferioridade pode afetar o modo que estas assumem sua identidade étnica e racial. Muitas vezes as mulheres/estudantes negras estão submetidas à ideia de que lugar de mulher é servindo a família, ao marido e aos filhos, o que impede as mesmas de se manterem estudantes/universitária. Lembrando também que muitas deixam de estudar para prover sustento de suas famílias, ou quando não são impendidas por quem deveria incentivá-las, e muitas vezes, algumas desistem da formação acadêmica por falta de recursos financeiros e/ou outros motivos, geralmente de ordem familiar. Buscamos apoio em Louro (1997) para entender os “papeis” atribuídos socialmente às mulheres.

Louro (1997, p. 07) afirma, ao discutir um questionamento de um jornal americano que tenta mostrar que o crescimento da obesidade nos Estados Unidos, que a população americana teria engordado devido ao fato das mulheres estarem se inserindo no mercado de trabalho. A reportagem a qual se refere Louro (1997) faz crítica às mulheres que “abandonaram” seus lares para conquistar a independência financeira, e com isso, não cuidam de seus afazeres domésticos, entre estes, cozinhar para seus filhos e marido, deixando-os à mercê de comidas industrializadas, fazendo com que estes engordem, aumentando assim, o nível de obesidade nos Estados Unidos.

A reportagem citada aborda o tema como se fosse uma notícia inocente, mas que remete a um machismo eurocentrista que atribui as mazelas negativas da sociedade à mulher, como se fosse exclusiva e de inteira responsabilidade da mulher, servir, cuidar de casa e da família, sempre deixando ela em um patamar de desigualdade com relação ao gênero masculino em inúmeras situações. Estas afirmativas de Louro (1997) nos remetem a entender os discursos sociais que colocam as mulheres em situação de desigualdade e relação aos



homens. Tais binarismos podem afetar o acesso e permanência das estudantes negras do IEAA no ensino superior, já que tais discursos produzem a cultura machista vivenciada nestes processos formativos.

Outras falas das entrevistadas mostram que situações de culpabilização também têm acontecido com as mesmas em virtude da escolha de serem estudantes no IEAA, o que indica situações desagradáveis de preconceito de gênero em relação às discentes mulheres negras no IEAA. As mesmas relataram que vivenciaram momentos em que alunos e professores do IEAA “sugeriram” que estas eram incapazes de fazerem determinadas atividades acadêmicas por serem mulheres, ou menosprezaram o direito e a capacidade das mesmas por estarem inseridas em um curso de exatas que, segundo a cultura machista ocidentalizada presente nos relatos das entrevistadas, seria um curso destinado a homens, ou que, os homens se sairiam melhores em determinadas áreas do conhecimento.

De alguma forma estas mulheres acabam sendo motivadas a negarem suas identidades, de maneira que sentem-se menosprezadas por assumirem o gênero feminino e identidade étnico racial, isso implica em um processo de enfrentamento e resistência nos quais, a maioria da mulheres não conseguem subverter. A subversão a estas formas de exclusão e racismo seria, talvez, a forma de afirmarem-se, emponderarem-se como mulher, estudante e negra. Isso traz uma relação com o fato das mulheres se declararem, mas não utilizarem a cota perante a universidade, pois assim, segundo o que se percebe na fala das entrevistadas, que as cotas dão uma ideia de que não são capazes ou iguais aos demais candidatos às vagas, por isso a preferência pela ampla concorrência. Os negros estão sempre em cursos de menos prestígio e concorrência, por serem de baixa condição socioeconômica e “a escolha da carreira é uma decisão que está ligada à origem social do estudante” (QUEIROZ, 2004, p. 102).

Também foi percebido nos dados estudados que as mulheres são maioria nos cursos de licenciatura do IEAA. Segundo o que falam as entrevistadas, a maioria delas escolheram os cursos por influência familiar, e outras que fizeram suas escolhas diante de resistências de suas famílias, que entendiam que determinados cursos não eram/são apropriados para mulheres. Segundo Louro (1997), esta construção social que inferioriza a mulher em determinados campos de formação e atuação laboral e profissional tem sido impregnado pela cultura machista.

Mesmo as mulheres sendo a maioria matriculadas no IEAA, estas estão fazendo pouco uso das cotas disponibilizadas pelas políticas públicas, talvez por todas as problemáticas discutidas aqui sobre o papel construído para a mulher na sociedade; que as deixam em situações inferiorizadas não as permitindo, inclusive escolherem os cursos os quais pretendem

se formar, raras algumas exceções, ou mesmo quando escolhem, são discriminadas nos âmbitos de formação. Apesar de tais apontamentos,

Dados estatísticos atuais, no entanto, apontam que as mulheres brasileiras apresentam níveis de escolaridade média mais elevados que os dos homens e que as meninas vêm-se saindo melhor que os meninos em todos os níveis de ensino. Apontam, também, que elas iniciam os estudos mais cedo, sofrem menor número de reprovações e abandonaram menos a escola (LOURO, 2013, p. 22).

Embora as afirmativas de Louro (2013) apontem para o destaque feminino nos aspectos formativos escolares, os relatos das entrevistadas apontam para questões de preconceito racial e de gênero no IEAA, o que pode incorrer em reprovações e notas abaixo da média esperada por parte das estudantes negras. Os relatos mostram que algumas mulheres negras/estudantes não recebem a mesma atenção e respeito por parte de seus professores em sala, como percebem a atenção dada aos colegas homens, fazendo com que se sintam discriminadas pelo fato de serem mulheres e negras em determinados cursos. Buscamos apoio em Coll (2004, p. 397), ao se referir aos processos de aprendizagem, para afirmar que “o estereótipo habitual é que essas pessoas já não tem idade para aprender e, como acontece muito frequentemente, nesse estereótipo está contida uma profecia que se auto-realiza, pois, ao supor que não têm capacidade para aprender, é provável que a pessoa se envolva menos em atividades de aprendizagem”.

O autor aponta para uma grave situação de estereotipar alguém pela sua a idade cronológica, uma vez que homens e mulheres são capazes de aprender e desenvolverem suas capacidades cognitivas, independentemente do gênero, da raça, cor e idade, apesar das diferenças subjetivas que possam ocorrer no processo. O que está em jogo não é a capacidade posta nas diferenças etária, de raça ou de gênero, mas as diferenças individuais próprias de cada sujeito. O que é levantando por Coll (2004), é que há uma leve diminuição na velocidade do raciocínio, e não em sua capacidade, independentemente da posição social e ou cultural em que os sujeitos estão inseridos. Isso nos leva a refletir sobre a narrativa de EN5 a respeito de um pré-julgamento sofrido no IEAA:

Sinto preconceito com a questão de idade, por que alguns professores da UFAM eles gostam de se aparecer um pouco, então, geralmente, eles pegam as novinhas que tiram notas boas para fazerem os projetos, como PIBIC, para fazer aquilo, e as outras ficam para trás, por que eles pensam que as alunas que tem mais idade não tem capacidade, eles não dão muito valor para as pessoas que tem mais idade (EN5).

A fala de EN5 remete a afirmação de que “[...] Os pretos ingressam mais tardiamente no ensino superior [...]. A evidência de ingresso tardio para maior parcela de mulatos e pretos indica que eles cumprem suas escolarização básica em condições menos favoráveis que brancos” (QUEIROZ, 2004, p. 76), porém essa questão não se aplica a capacidade intelectual do sujeito. Podemos perceber a afirmação de Queiroz (2004) nos relatos de EN5, bem como na observação do espaço universitário do IEAA, onde percebe-se poucos negros e negras ocupando esse espaço (nos referimos aos espaço físico), os poucos encontrados, perceptivelmente, estão em faixa etária jovem, a mulher negra, porém, são as que aparentam idade mais avançada em relação aos demais estudantes. A citação acima talvez justifique o acesso tardio das mulheres negras no espaço universitário.

Das mulheres que acessaram o IEAA entre 2006 e 2018, uma grande parcela evadiram-se, cabe mencionar que os motivos não foram pesquisados junto à estas mulheres evadidas, uma vez que não era objetivo neste momento da pesquisa, no entanto, em meio as leituras sobre o assunto foi possível perceber que muitas das evasões de mulheres negras dos cursos universitários carregam justificativas históricas de colonização e da construção social feminina. As mulheres ainda encontram resistência para permanecerem no ensino superior até o final do curso, embora são várias justificativas “Esse processo atinge com particular intensidade aqueles estudantes nos quais se associam várias categorias de exclusão, isto é, quando se articulam, por exemplo, características como a classe, a raça, o gênero” (QUEIROZ, 2004, p. 10), ou seja, por mais condições que estas mulheres possam encontrar no ambiente universitário, é necessário apoio para sua permanência.

Ainda assim, há questões que, segundo Queiroz (2004), impedem as mulheres negras de prosseguirem em suas formações superiores. A este respeito, as entrevistadas relataram que no IEAA tem melhorado o incentivo financeiro com relação a permanência dos estudantes na UFAM, e que não veem discriminação na distribuição das bolsas de auxílio econômico da universidade, porém, consideram o auxílio insuficiente para o processo de continuidade na graduação, principalmente as estudantes que são mães ou responsáveis pelo sustento do lar, já que os cursos são diurnos e por isso precisam abrir mão do emprego para estudarem no IEAA.

Cabe lembrar que teve período em que a universidade não possuía recursos financeiros que pudessem dar subsídio básico para a permanência dos estudantes. Ressalta-se que as mulheres são as mais prejudicadas devido as responsabilidades a elas atribuídas no cuidado da família. “As lutas e conquistas das mulheres são contínuas, mas elas não se livraram totalmente das relações desiguais de gênero impostas pelos valores da sociedade outrora vigente” (CARDOSO; LEITE, 2018, p. 27). É possível inferir que a jornada a qual a mulher

precisar percorrer até alcançar determinados objetivos sempre vai mais além devido às questões impostas a elas. Em se tratando da mulher negra, como se não bastasse ter que superar seus próprios desafios e os de gênero, ainda precisam enfrentar o dilema de pertencimento de raça.

Levando em consideração a trajetória dos negros e negras em busca de sobrevivência e de um lugar de igualdade na sociedade, pois suas lutas têm sido marcadas por muitos obstáculos e discriminações, percebemos que os alunos e alunas autodeclarados negros e negras, apesar de acessarem o nível superior, ainda enfrentam dificuldades para permanecerem. É como afirma Queiroz (2004, p. 65): “os negros são os menos alfabetizados, mantidos nos patamares mais baixos, sendo muito poucos aqueles que conseguem chegar a universidade” (QUEIROZ, 2004, p. 65). Assim, sair formado e com ensino superior de qualidade da universidade, torna-se ainda mais complicado.

## **ALGUMAS CONSIDERAÇÕES**

Diante do exposto nesta pesquisa, foi possível perceber que as dificuldades enfrentadas pelas mulheres/estudantes/negras que permanecem matriculadas no IEAA, que carregam consigo um dilema pela impregnação da história da colonização brasileira, que lhe foi imposta por uma cultura dominante do branqueamento versus superioridade de raça. Tal cultura dominante ainda vincula-se ou constrói-se no pensamento da sociedade atual tamanha intransigência, da construção de um papel que impuseram a mulher com ideias de uma útil servidora subserviente. Tudo por causa de ideias errôneas e absurdas, e conceitos supostamente científico para a não aceitação do outro e de suas diferenças sejam elas de gênero, raça, cor ou religião.

As entrevistadas trouxeram uma sucessão de informações que a mim não causou surpresa, devido vivenciar os mesmos contextos, pois assim como eu, as entrevistadas são mulheres que enfrentaram diversas dificuldades na construção de suas histórias, principalmente em se tratando do racismo seja ele implícito ou explícito sempre esteve presente em seu cotidiano enquanto mulher negra no Brasil. Só vieram a confirmar a necessidade que se tem de explorar e debater sobre o tema para que se haja mais compreensão e respeito. As dificuldades enfrentadas por todas estudantes autodeclaradas mulher/estudante/negra no IEAA, são muito similares, desde a dificuldades socioeconômico, assim como as de ordens cognitivas e de aprendizagens.

Portanto, o intuito de análise destas declarações, não é causar perplexidade a ninguém, mas, trazer um olhar diferenciado, para que possam refletir sobre estas questões. E dessa forma instigar outros a buscar e deixar registro que sirvam de apoio teórico, e também de esclarecimentos sobre uma parte da história que ainda se praticam e vivenciam sem o devido conhecimento, pois são situações que interferem, inibem e reprimem o outro, e muitas vezes pelo desconhecimento de causa, pois vivenciar é diferente de imaginar, geralmente se agem sem pensar os danos causados ao outro, por que estamos sempre alheios as questões levantadas. Como situações de resistência, intolerância, racismo a identidades e diferenças, que por sua vez só existem, por que assim foram construídas de maneira distorcida desde o início das civilizações.

Cabe ressaltar também que a os resultados encontrados se referem as narrativas das estudantes negras. E apesar deste ser uma temática pouca discutida, podemos encontrar um

acervo bibliográfico satisfatório à fundamentação da pesquisa, demonstrando que os autores que versam sobre o tema, possuem um posicionamento esclarecedor sobre as questões levantadas, interagindo entre si, complementando ideias e dando suporte ao leitor para compreender as questões debatidas, porém de grande urgência no debates de formação e compreensão do sujeito para transformação da atual sociedade.

A proposta deste trabalho foi mostrar as narrativas das estudantes negras a respeito de suas presenças no espaços da universidade, especificamente no IEAA. As narrativas remete a pensar na necessidade urgente que se tem, de inserir na sociedade atual, uma quantidade ainda maior de negros, em especial, de mulheres negras formadas, instruídas, capacitadas e críticas, para ajudar na transformação de outras mulheres que se deixam levar por concepções errôneas a respeito de sua identidade e aceitação a respeito de ser negra. Prendendo-as, a um processo interminável de negação de si mesma, levando-as a um sentimento de incapacidade que as impedem de ir além, de perceberam a urgência da transformação que a história da mulher negra necessita, principalmente por que estas são lutas anteriores e inacabáveis para que o negro alcance seu lugar de direito e igualdade em todos os setores da esfera social.

Cabe ressaltar que precisamos sair da universidade e ajudar a fazer o nosso papel e a diferença na vida das estudantes que saem do Ensino Básico com pouco conhecimento e empoderamento a respeito da sua identidade étnico racial, pois isso provavelmente interfere não somente na escolha do seu curso graduação, mas, principalmente em relação a utilização das políticas públicas reparadora de direito da população negras, assim, como também seu direito de igualdade de raça e gênero ao adentrar a universidade. Assumindo assim, seu lugar de direito, lutando para permanecer até o final de seu curso independentemente de suas condições ou particularidades, como tem feito nossas entrevistadas. Embora sabemos que não é fácil, mas somente através dessas lutas constantes alcançaremos os meios para minimizar esta situação que tem se prolongando ao longo da construção da nossa história, e tem colocado a população negra e especial a mulher em condições e patamares de inferioridade.

Não dar condições de acesso à igualdade para sobreviver decentemente em uma sociedade, muito menos em uma universidade, cujas condições econômicas e outras dificuldades imperam, torna-se o mesmo que os excluírem do processo. E embora saibamos que ainda no Brasil haja leis e políticas de cotas que tentam amenizar o prejuízo causado perante toda história que perpassa a construção da trajetória negra, em especial da mulher negra, ainda assim, os danos causados estão longe de serem reparados, até porque os cenários

políticos atuais acenam para dias nebulosos na formação pública nos âmbitos universitários, o que pode comprometer ainda mais a presença da mulher negra na universidade.

Espera-se que esta pesquisa contribuía com a reflexão sobre a presença de mulheres negras na Universidade Federal do Amazonas, Campus Humaitá, considerando as identidades/diferença étnicos, raciais e de gênero postas nas relações em que estão inseridas no âmbito do IEAA, principalmente por esta temática ainda ser pouco discutida no âmbito acadêmico desta instituição de ensino superior, pois em um levantamento inicial a respeito de pesquisas realizadas sobre o tema em Humaitá, não foram localizados qualquer trabalho desenvolvido no IEAA no acervo da biblioteca do instituto.

Percebemos também através dos dados levantados as dificuldades enfrentadas pelas mulheres/estudantes/negras que permanecem matriculadas no IEAA, que carregam consigo um dilema pela impregnação da história da colonização brasileira, que lhe foi imposta por uma cultura dominante do branqueamento versus superioridade de raça, que não conseguiram ainda desvincular ou desconstruir do pensamento da sociedade atual, a não aceitação do outro e de suas diferenças sejam elas de gênero, raça, cor, ou outros.

Portanto, o intuito de analisar estas declarações, não é causar perplexidade a ninguém, mas, trazer um olhar diferenciado, para que possa aguçar ainda mais a curiosidade sobre estas questões, e dessa forma instigar outros a buscar e deixar registro que sirvam de apoio teórico, e também de esclarecimentos sobre uma parte da história que ainda se praticam e vivenciam sem o devido conhecimento, pois são situações que interferem, inibem e reprimem o outro, e muitas vezes pelo desconhecimento de causa, pois vivenciar é diferente de imaginar, geralmente se agem sem pensar os danos causados ao outro, por que estamos sempre alheios as questões levantadas. Como situações de resistência, intolerância, preconceito a identidades e diferenças, que por sua vez só existem, por que assim foram construídas de maneira distorcida desde o início das civilizações.

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Sandra dos Santos. A entrevista narrativa ressignificada nas pesquisas educacionais. In: MEYER, Dagmar Estermann.; PARAÍSO, Marlucy Alves. **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza edições, 2012.
- BAUMAN, Zygmund. **Identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- BHABHA, Homi, K. **O Local da Cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2013.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB)**. Lei Federal n.º 9.394, de 26/12/1996.
- CARDOSO, Paula Ével; LEITE, Lucimar da Luz. Gênero e Educação: discutindo gênero a partir da disciplina educação para o lar. In: MAIO, Eliane Rose. (Organizadora.) **Gênero e Sexualidade: Interfaces Educativas**. 1º ed. Curitiba: Appris, 2018.
- CARNEIRO, Alessandra Acosta. FRAGA Cristina Kologeski. A Lei Maria da Penha e a proteção legal à mulher vítima em São Borja no Rio Grande do Sul: Da violência denunciada à violência silenciada. **Revista 110.indd. Serv. Soc.** São Paulo, n. 110, p. 369-397, abr./jun. 2012.
- COLL, César. **Aprendizagem escolar e construção do conhecimento**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2004.
- DANTAS, Carolina Vianna. MATTOS, Hebe. ABREU, Martha. **O Negro no Brasil: Trajetórias e Lutas em Dez Aulas de Histórias**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.
- DINIS, Nilson Fernandes. **Educação, relações de gênero e diversidade sexual**. *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 29, n. 103, p. 477-492, maio/ago. 2008. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>> Acessado em: 03 de nov. de 2019.
- FELIPE, Jane. Relações de gênero: construindo feminilidades e masculinidades na cultura. In: XAVIER FILHA, Constantina. **Sexualidades, gênero e diferenças na educação das infâncias**. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2012, páginas 217 a 226.
- FERNANDES, Jorge. **Da Trajetória Escolar ao Sucesso profissional: Narrativas de Professoras e Professores Negros**. 1ª ed. Curitiba: Appris, 2017.
- FONSECA, Marcus Vinícius. SILVA, Carolina Mostaro Neves da. FERNANDES, Alessandra Borges. **Relações Étnico-Raciais e Educação no Brasil**. 1ª ed. Belo horizonte: Mazza, 2011.
- HALL, Stuart. **A identidade na pós-modernidade**. 2.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.
- LOURO, Guacira Lopes. FELIPE, Jane. GOELLER, Silvana Vilodre. (organizadoras) **Corpo, Gênero e Sexualidade: Um Debate Contemporâneo na Educação**. 9ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997.



- LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E.D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** – 2. ed – Rio de Janeiro: E.P.U, 2013.
- MEYER, Dagmar Estermann. Etnia, raça e nação: o currículo e a construção de fronteiras e posições sociais. IN: COSTA, Marisa Vorraber. (Org). **O currículo nos limiares do contemporâneo.** 3.ed. edição. Rio de Janeiro: DP&A, 2007.
- OLESEN, Virgínia. Os feminismos e a pesquisa qualitativa neste novo milênio. IN: DENZIN, Norman. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens.** Porto Alegre: Artmed, 2006.
- PAPALIA, Diane E. OLDS, Sally Wendkos. FELDEMAN, Ruth Duskim. **Desenvolvimento Humano.** Trad; Daniel Bueno. 8ª ed. Porto Alegre, Artmed, 2006.
- QUEIROZ, Delcele Mascarenhas. **Universidade e Desigualdade: brancos e negros no ensino superior.** Brasília. Liber. 2004.
- QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo. Colonialidade do saber, eurocentrismo e ciências sociais: perspectivas latinoamericanas. Buenos Aires: Clacso, 2005.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** 12. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. Entrevista na pesquisa em educação – uma arena de significados. In: COSTA, Marisa Vorraber. **Caminhas investigativas II: outros modos de pesquisar e fazer pesquisa em educação.** Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.
- WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma questão conceitual. In: SILVA, Tomaz T. (Org.). **Identidade e diferença. A perspectiva dos Estudos Culturais.** Petrópolis; Vozes, 2013.
- YABE, Mariza Aparecida Movio. Empoderamento de adolescentes negras: da raiz do cabelo à raiz do problema. In: MAIO, Eliane Rose. (Organizadora.) **Gênero e Sexualidade: Interfaces Educativas.** 1º ed. Curitiba: Appris, 2018.